



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

JOSEANI BANDEIRA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES:
CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM**

CHAPECÓ

2014

JOSEANI BANDEIRA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES:
CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS, SC), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa Dda Crhis Netto de Brum

CHAPECÓ

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Bandeira, Joseani

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS
EDUCADORES : CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM/ Joseani
Bandeira. -- 2014.

100 f.:il.

Orientador: Crhis Netto de Brum.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Enfermagem , Chapecó, SC, 2014.

1. . I. Brum, Crhis Netto de, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOSEANI BANDEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Orientadora: Profa Dda Crhis Netto de Brum

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

12, 12, 2014.

BANCA EXAMINADORA

Crhis Netto de Brum

Profª. Dda Crhis Netto de Brum - UFFS (Orientadora)

Tassiana Potrich

Profª. Mestre Tassiana Potrich - UFFS

Joice Moreira Schmalfluss

Profª. Mestre Joice Moreira Schmalfluss - UFFS

Érica de Brito Pitilin
Profª. Érica de Brito Pitilin - UFFS (Suplente)

Dedico esse trabalho a minha Família, pelo carinho e compreensão que tiveram comigo durante o percurso desta construção, amo vocês!

Agradecimentos

*Primeiramente, gostaria de agradecer a **Deus** pela possibilidade da concretização desse momento tão sonhado em minha vida pessoal e profissional. Obrigada por guiar os meus passos e por cuidar da minha vida ao proporcionar, em meu caminho, a (con)vivência com pessoas tão especiais as quais permitiram consolidar esse sonho.*

É para essas pessoas, que realizo os meus sinceros e afetuosos agradecimentos...

*À minha **família**, que ao se fazerem presença, permeou e impulsionou os meus dias para que fosse possível chegar até aqui, por sempre acreditarem em mim, incentivando a nunca desistir. Sou grata por sonharem os meus sonhos comigo. A presença de vocês torna mais doce o sabor dessa conquista. Amo-os com toda a sinceridade, pureza e forças de meu coração.*

*À minha amiga **Mayra**, obrigada pelo carinho de sempre, dedicação, cumplicidade, amizade, conversas e inúmeros conselhos que vieram a somar com o meu crescimento pessoal e profissional;*

*Aos meus **amigos** de perto e de longe, simplesmente por existirem, pelos momentos de risos e descontrações.*

*À minha querida orientadora, **Crhis Netto de Brum**, por ter aceitado esse desafio ao meu lado, acreditando no meu potencial mesmo sem conhecê-lo, pelas orientações, críticas sempre pertinentes, repletas de cuidado e carinho, pelo crescimento que me proporcionou. Obrigada pelo incentivo. Desde que chegou à Universidade Federal da Fronteira Sul sempre a tive como um exemplo de mestre a ser seguido. Obrigada por absolutamente tudo. Sempre terás minha profunda admiração e respeito.*

*Às professoras **Tassiana Potrich, Joice Moreira Schmalfluss, Erica de Brito Pitilin** por consentirem fazer parte desta construção, qualificação e aprimoramento deste trabalho. Sinto-me honrada com a presença de vocês!*

*A **Escola Estadual Antonio Morandini** por abrir as portas e me fornecer os dados que eram precisos para a realização desse projeto*

*Aos **educadores** que se mostram dispostos a colaborar com a coleta de dados.*

*À **coordenação, professores** da Universidade Federal da Fronteira Sul por possibilitar que este sonho se tornasse realidade e pela contribuição em minha qualificação profissional e pessoal.*

*A **Universidade Federal da Fronteira Sul** por contribuir e fazer parte de toda minha trajetória profissional e pessoal*

*Aos meus **colegas de curso de Enfermagem**, pelas amizades, discussões e aprendizado durante esses cinco anos.*

*Agradeço, também a **todos** os que, de determinada maneira, embora não tenham sido nomeados, se fizeram presentes nessa trajetória. Sinto-me privilegiada em poder compartilhar desse momento com todos vocês.*

O meu mais sincero e de coração OBRIGADO A TODOS!!!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

RESUMO

Introdução: A educação brasileira, a partir do ano de 1996, apresenta nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os temas transversais. Dentre eles, encontra-se a orientação sexual, como uma possibilidade de integração entre as áreas da saúde e educação, ao considerarem o espaço escolar como uma oportunidade para a construção de diferentes abordagens interdisciplinares e intersetoriais. Assim, este estudo apresentou a seguinte **questão de pesquisa:** qual a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual em uma escola do Município de Chapecó/SC? **Objetivo:** identificar a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual na escola. **Método:** pesquisa qualitativa; descritiva exploratória. O cenário foi uma escola pública do Município de Chapecó e teve como sujeitos, 15 educadores. Os critérios de inclusão foram: educadores que ministravam aula para ensino fundamental e/ou médio para adolescentes dos 10 aos 19 anos de idade. Adotaram-se como critérios de exclusão: educadores que estivessem fazendo gozo de férias ou estivessem de licença. A etapa de campo foi constituída de dois momentos: a aproximação e ambientação, a qual foi realizada a partir de conversa com a coordenação e, posteriormente, com os educadores bem como a participação nos intervalos das aulas; e a produção dos dados, ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada audiogravada. A realização da produção de dados se deu partir de setembro a outubro de 2014, após ter sido aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó pelo protocolo número 753.432. O projeto respeitou os preceitos éticos da Resolução número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Os dados coletados foram analisados em conformidade com a Análise de Conteúdo de Bardin que compreendeu três etapas: a de pré-análise; de exploração do material e a do tratamento dos resultados obtidos e interpretação. **Resultados:** nessa análise surgiram duas categorias analíticas: percepção da orientação sexual na escola como construção social de gênero e percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram. Na primeira categoria analítica pôde-se perceber que ao serem indagados sobre o tema orientação sexual os educadores a identificaram como questão de gênero quanto à valorização do corpo. A diversidade sexual é pensada por meio do enfoque biológico. Na segunda categoria analítica, percebeu-se que os educadores se sentem despreparados e tem dificuldade para abordar a orientação sexual em sala de aula. Esse despreparo, conforme os educadores, são visto pela falta de preparo na graduação, carência de capacitações, ausência de interdisciplinaridade e pouco envolvimento da família ao trabalhar esse tema em casa. Conclui-se que são necessárias iniciativas para tornar a orientação sexual mais eficiente nas escolas como projetos que envolvam a família, que muitas vezes não está preparada para dialogar sobre a sexualidade; trazer novos materiais para abordar mais claramente a orientação sexual em sala de aula, disponibilizar momentos de sensibilização para os educadores ao agregar profissionais da área da saúde, como a exemplo do profissional enfermeiro, em discussões coletivas.

Palavras-Chave: Educação sexual. Educador. Enfermagem.

ABSTRACT

Introduction: The Brazilian education, from the year 1996 presents the National Curriculum Guidelines, cross-cutting issues. Among them is sexual orientation, as a possibility of integration between the areas of health and education, consider the school as an opportunity for the construction of different interdisciplinary and intersectoral approaches. Thus, this study presented the following **research question:** what is the perception of educators on the topic of sexual orientation in a school in the city of Chapecó / SC? **Objective:** To identify the perception of educators on the topic of sexual orientation in school. **Method:** qualitative research; exploratory descriptive. The scenario was a public school in the city of Chapecó and had as subjects, 15 educators. Inclusion criteria were: educators who taught school for elementary and / or middle for teenagers from 10 to 19 years old. Have been adopted as exclusion criteria: educators who were doing holiday or were on leave. The field stage consisted of two phases: the approach and ambiance, which was held from conversation with the coordination and subsequently with educators and participation between classes; and the production of data were collected through semi-structured interviews audiogravada. The completion of data production occurred from September to October 2014, after being approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Southern Frontier / Campus Chapecó by 753,432 protocol number. The project has complied with the ethical principles of Resolution 466/2012 of the National Council of Health Ministry of Health The collected data were analyzed according to Bardin's content analysis that involved three steps: The pre-analysis; exploration of the material and the processing of results and interpretation. **Results:** In this analysis there were two analytical categories: perception of sexual orientation in the school as a social construction of gender and perception of sexual orientation in school as a solo ever trod. The first analytical category could notice that, when asked about the subject sexual orientation educators identified as gender issue as to recovery of the body. Sexual diversity is thought through biological approach. In the second analytical category, it was noted that educators feel unprepared and has difficulty to address sexual orientation in the classroom. This unpreparedness, as educators, are seen by the lack of preparation in the undergraduate, lack of training, lack of interdisciplinarity and little family involvement in developing this theme at home. We conclude that initiatives are needed to make the most efficient sexual orientation in schools as projects that involve the family, which often is not prepared to talk about sexuality; bring new materials to more clearly address sexual orientation in the classroom, providing awareness of time for educators to add health professionals, as the example of professional nurses in collective discussions.

Keywords: Sex education. Educator. Nursing.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das produções científicas, segundo o período de publicação. LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.	23
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos artigos analisados, segundo a área de conhecimento, país, procedência estudo (Estado da Federação Brasileira), abordagem metodológica e método. LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.	23
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos educadores sobre a percepção da orientação sexual na escola	37
Quadro 2 - Corpus da pesquisa da Revisão Narrativa sobre facilidades e dificuldades dos professores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola. LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.	67
Quadro 3 - Códigos Cromáticos da pesquisa	70
Quadro 4 - Quadro de análise dos depoimentos dos educadores quanto a percepção da orientação sexual na escola.....	71
Quadro 5 - Eixos da entrevista sobre a percepção do educador na escola.	95

LISTA DE SIGLAS

- ADOLEC** - Bibliotecas virtuais: saúde do adolescente
- BVS** - Biblioteca Virtual em Saúde
- CAPES** - Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa
- DECS** - Descritores em Ciências da Saúde
- DSTs** - Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LILACS** - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
- MEDLINE** - Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
- PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- SAEDE** - Serviço de Atendimento Educacional Especializado
- SC** - Estado de Santa Catarina
- SCIELO** - Scientific Electronic Library Online
- SPE** - Programa Saúde e Prevenção nas Escolas
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFFS** - Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 DIMENSÃO POLÍTICA DO PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL.....	19
2.2 FACILIDADES E/OU DIFICULDADES DOS EDUCADORES AO DESENVOLVEREM A TEMÁTICA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	21
3 METODOLOGIA	29
3.1 TIPO DE ESTUDO	29
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA	29
3.3 SUJEITOS DE PESQUISA.....	30
3.4 ETAPA DE CAMPO.....	31
3.4.1 Aproximação e ambientação com o cenário de pesquisa	31
3.4.2 Produção de Dados	32
3.5 ANÁLISES DOS DADOS	33
3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	34
4 RESULTADOS	36
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS EDUCADORES.....	36
4.2 PERCEPÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO	38
4.3 PERCEPÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA COMO UM SOLO QUE NUNCA PISARAM	43
5 DISCUSSÃO	50
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	64
ANEXOS	97

1 INTRODUÇÃO

O modelo de atenção à saúde do Brasil tinha, primeiramente, a predominância da assistência médica curativa e individual e compreendia a saúde como ausência de doença. No entanto, com a mudança de paradigma, prima-se por um cuidado alicerçado nos referenciais sociais, culturais, humanistas, ambientais e educacionais ancorados na promoção da saúde (BRUM et al, 2010).

Nesse sentido, a partir desse paradigma, apresenta-se como ponto de partida a identificação e a análise dos problemas e necessidades de saúde da população, qual deve estar centrada no sujeito e no cuidado. Trazendo dentro de suas possibilidades de atuação, a compreensão da escola como um importante equipamento social de (re) integração, inclusão e desenvolvimento, tanto dos educandos quanto de suas famílias e educadores¹ (BRUM, 2007).

A procura por parcerias e atores sociais participativos na busca por essa nova forma de conceber e atuar em saúde aponta que a escola é um ambiente a ser explorado pelos profissionais de saúde. Assim, a educação brasileira, a partir do ano de 1996, apresenta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os temas transversais os quais dizem respeito a conteúdos de caráter social que devem ser incluídos no currículo. Dentre eles encontra-se a orientação sexual (BRASIL, 1996).

Tal questão vem ao encontro da proposta que envolve duas instâncias Ministeriais, a da Saúde e da Educação. Para isso, estipulou-se o Projeto Saúde Prevenção nas Escolas (SPE). O SPE representa um marco na integração saúde-educação ao privilegiar a escola como espaço para articulação das políticas voltadas para os adolescentes e jovens. Visa contribuir para a realização e desenvolvimento do tema transversal relacionado à orientação sexual, de maneira a permitir uma integração entre as áreas da saúde e da educação, ao considerarem o espaço escolar, a partir de uma construção de diferentes abordagens interdisciplinares e intersetoriais (BRUM et al, 2013). Diante disso, percebe-se que a escola não é somente um lugar de aprendizagem teórica, mas também, um espaço de vivências e transformações, bem como um espaço singular para a incorporação de conhecimentos sobre saúde (LOPES, 2007).

¹Neste estudo serão utilizados os vocábulos educandos e educador ao se referir a alunos e professores, respectivamente. Em virtude, de refletirem os pressupostos discutidos por Freire (2004), o qual aponta que os educadores devem intervir como facilitadores conjuntamente com seus educandos, pois ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Sendo que ambos aprendem um com o outro, a partir das reflexões e discussões sobre suas vivências/experiências em relação ao mundo da vida.

Nesse sentido, a escola, ao definir a orientação sexual como um dos temas a serem desenvolvidos, remeterá a uma definição clara dos princípios que deverão nortear esse trabalho e sua total explicitação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos educandos. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas ao sexo e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados conjuntamente com os educandos (BRUM, 2007).

A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho. Para garantir essa coerência, ao tratar de tema associado à tão grande multiplicidade de valores, a escola precisa estar consciente da necessidade de abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação permanente de todos os envolvidos no processo educativo, tanto para os educandos quanto para os educadores (BRUM, 2007).

Diante desse cenário, em conformidade com uma pesquisa realizada com educadores em todo o cenário Nacional, desenvolvida por Zagury (2006), afirma que os educadores, mesmo apresentando algumas facilidades, de modo geral, apresentam dificuldades, embora estejam razoavelmente motivados para trabalhar com o tema transversal da orientação sexual em sala de aula. Além disso, mostraram inseguranças e questionamentos sobre o tema em questão.

Pela complexidade, bem como pela relevância social e repercussões na família e na sociedade, a orientação sexual, constitui, hoje, campos específicos de cuidado, tanto da área da saúde quanto da educação. Nesse sentido, tem a prerrogativa de aliar profissionais das diversas áreas para auxiliar os educadores nessa construção como, por exemplo, o profissional enfermeiro (BRUM, 2007).

As inquietações referentes a temática de estudo, foram suscitadas durante a realização de um projeto de extensão com adolescentes de uma escola pública no município de Chapecó, durante o desenvolvimento do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC), intitulado: “Educação em saúde na atenção ao adolescente”. Primeiramente, realizou-se um diagnóstico das dúvidas dos adolescentes e, a partir delas, os encontros eram elaborados, por meio de dinâmicas. Dentre esses temas desenvolvidos, encontravam-se: métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), planejamento familiar, ciclo reprodutivo, higiene pessoal, primeira consulta, entre outros. No decorrer das atividades com os educandos, vislumbrou-se que os educadores não participavam das dinâmicas propostas pelo projeto de extensão e ficavam do lado de fora da sala observando as atividades. Quando convidados a entrar, mostravam-se inquietos, mas ao

mesmo tempo, afirmavam que o conteúdo trabalhado poderia ser remetido a eles em outra oportunidade. Diante desse fato, emergiu a reflexão de como era desenvolvido o tema da orientação sexual pelos educadores, bem como se os mesmos apresentavam alguma dificuldade e/ou facilidade ao remeterem o tema no cotidiano escolar.

Dessa forma, a problemática direciona para um cuidar em saúde desses educadores que desenvolvem a temática de orientação sexual na escola, no qual o enfermeiro como integrante de uma equipe multidisciplinar, poderá ser um facilitador e desencadeador de ações em saúde, proporcionando a criação de espaços de educação em saúde na escola, ressaltando os princípios norteadores da promoção e seus valores éticos como: a vida, a solidariedade, a equidade e a cidadania, e estratégias que visam concretizar a cooperação e as parcerias no desenvolvimento do tema transversal sobre orientação sexual.

O estudo de Oliveira, Maio (2012) apontam que a escola é um espaço adequado para desenvolver estratégias de cuidado no qual os educandos e os educadores possam usufruir de programas interativos e dinâmicos que proporcione momentos para fornecer e sanar dúvidas sobre orientação sexual. Essa estratégia poderá auxiliar na diminuição de agravos relacionados à vida sexual e reprodutiva dos educandos ao inserir o educador com um mediador nesse processo, uma vez que seu tempo no cotidiano escolar é permeado pela presença do educando.

Diante desse cenário, salienta-se que é nos educadores que os educandos e família depositam sua confiança para abordar os assuntos relacionados à sexualidade. Assim o educador tem a desafiante tarefa de trabalhar o tema orientação sexual de maneira transversal, não apenas sob o enfoque biológico, mas também a partir de questões que englobem: os valores, a moral, a ética, os sentimentos, a cultura, entre outros, bem como no preparo desses jovens para exercer sua sexualidade de forma responsável, com vistas a minimizar a vulnerabilidade dos mesmos (RUFINO et al, 2013).

Assim, este estudo apresenta a seguinte **questão de pesquisa**: qual a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual em uma escola do Município de Chapecó/SC?E como **objetivo**: identificar a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual na escola.

Em conformidade com tais considerações, justifica-se a necessidade da Enfermagem trabalhar juntamente com esses educadores, a fim de possibilitar, a partir de uma construção coletiva sobre o tema da orientação sexual em sala de aula, reflexões e discussões para a realização de parcerias de trabalho no qual o educador e o enfermeiro possam utilizar seus

conhecimentos de maneira a complementar o processo de ensino-aprendizagem e saúde-doença.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o intuito de contextualizar a problemática do estudo em questão apresentam-se alguns aspectos sobre a temática, abordados nos seguintes tópicos: dimensão política do Parâmetro Curricular Nacional e a revisão bibliográfica que versará sobre as facilidades e/ou dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola.

2.1 DIMENSÃO POLÍTICA DA SAÚDE NA ESCOLA

A educação brasileira, a partir do ano de 1996, vem sendo considerada segundo novas regulamentações legais. No período de 1995 a 1998, o Ministério da Educação e Desporto elaborou os PCNs que, vinculado à Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), número 9.394/1996, visam estabelecer diretrizes para o currículo do ensino fundamental e servir como referência nacional, seja para a prática educacional, e também para ações políticas no âmbito da educação.

Por natureza aberta, os Parâmetros Curriculares Nacionais configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e programas de transformação da realidade educacional, empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não se configurando, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo (BRASIL, 1997).

Os conteúdos a serem ensinados estão dispostos em dois grupos. Primeiramente, o das áreas de conhecimento, que são: Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Artes, Educação Física e Língua Estrangeira. Já no segundo grupo estão os conteúdos organizados em temas transversais que são eles: ética, educação ambiental, orientação sexual, pluralidade cultural, saúde, trabalho, consumo e cidadania.

Os temas transversais dizem respeito a conteúdos de caráter social que devem ser incluídos no currículo do ensino fundamental, de forma “transversal”, ou seja: não como uma área do conhecimento específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior das várias áreas estabelecidas. Mesmo que um determinado tema seja mais pertinente a uma área do que outra, o fator decisivo de seu grau de inserção em dada área do conhecimento poderá depender, pelo menos inicialmente, da afinidade e preparação que o professor tem em relação ao mesmo.

Este se configura como um momento histórico muito significativo e que, portanto, requer a contribuição de estudiosos e pesquisadores para a reflexão sobre perspectivas de concretização dos Currículos Nacionais, com o paralelo apontamento de estratégias limitadoras e facilitadoras desse processo. A análise em torno da viabilidade dos temas transversais, em especial requer esforços de reflexão particularmente direcionados, tendo em vista o caráter de “novidade” que em si comportam o nível de interdisciplinaridade requerido, bem como a necessidade de preparação dos professores para desenvolverem os temas (BRUM, 2007).

A formação pode ocorrer de forma continuada e sistemática, possibilitando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores. É importante que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus.

Segundo Zagury (2006), para alcançar os objetivos, como prevenir os riscos da imprudência e do desconhecimento e evitar o incremento da gravidez não planejada e das Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), é preciso envolver os jovens de forma significativa. Caso contrário, transforma-se apenas em uma aula de ciências na qual se estuda o ciclo reprodutivo humano e sem sanar as dúvidas que são pertinentes a aquele momento.

Nessa mesma pesquisa, dos seis temas do currículo transversal abordados no estudo da sua pesquisa, ficou muito nítida a fácil percepção de abordar temas como cidadania (86% dos respondentes). Porém, apenas 41% dos educadores julgam-se em condições de trabalhar orientação sexual nas escolas. Em todo o país, há insegurança por parte dos educadores em relação ao tema, o que reforça a necessidade de avaliar previamente as possibilidades de sucesso ou fracasso de cada medida ou mudança que se faça no currículo.

Nessa perspectiva, vê-se que a atuação da Enfermagem no meio escolar é necessária, já que ela está diretamente ligada ao cuidado com o ser humano, com a qualidade de vida individual e coletiva. Por isso que, a partir de ações de promoção de saúde, desenvolvida em conjunto com os educadores e a Enfermagem na escola, poderão favorecer a compreensão, reflexão e a transformação dos educandos em relação a sua saúde (BESERRA, 2012).

Diante disso, foi a partir da inserção do currículo transversal e do SPE, o qual visa minimizar a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às DSTs, à infecção pelo HIV e a gravidez, por meio de ações nas escolas e nas unidades básicas de saúde Fonseca; Gomes; Teixeira (2010) que o profissional enfermeiro pode se inserir no cotidiano escolar e desenvolver estratégias/ações educativas de promoção à saúde dos educandos devido ao seu

arcabouço técnico e teórico sobre o desenvolvimento humano. Isso poderá contribuir com os educadores no desenvolvimento do tema da orientação sexual em sala de aula por meio de dinâmicas, reflexões e discussões, o que conseqüentemente, auxiliará os educando a adotar atitudes mais responsáveis em relação a sua sexualidade.

2.2 FACILIDADES E/OU DIFICULDADES DOS EDUCADORES AO DESENVOLVEREM A TEMÁTICA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Com a finalidade de fundamentar a construção deste trabalho, realizou-se um estudo bibliográfico, com base em uma revisão narrativa da literatura a qual busca reunir dados sobre uma temática de forma mais aberta (ANDRADE et al 2011).

O estudo foi desenvolvido por meio de protocolo previamente elaborado para este fim, a partir das seguintes etapas: identificação do tema e da temática de estudo; definição da questão de pesquisa, objetivo da pesquisa; seleção dos descritores e/ou palavras-chave; delineamento do estudo; constituição dos critérios de inclusão e exclusão; seleção das bases de dados e do instrumento de coleta de dados; análise do estudo e apresentação dos resultados (APÊNDICE A).

A questão de pesquisa adotada para este estudo foi: quais são as facilidades e/ou dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola? O objetivo do estudo: foi identificar as facilidades e/ou dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola.

As palavras-chave utilizadas para compor a estratégia de busca foram selecionados em conformidade com os Descritores em Ciências da Saúde (DECS), a partir da pergunta de pesquisa. Dessa maneira, foram selecionadas as seguintes palavras-chaves: docente; educador; professor; educação sexual e sexualidade.

A busca bibliográfica foi desenvolvida na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) na base de dados eletrônica, nos seus respectivos formulários avançados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Bibliotecas Virtuais Saúde do Adolescente (ADOLEC) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Utilizaram-se as seguintes palavras na LILACS, ADOLEC e SCIELO: [("DOCENTE") or "EDUCADOR") or "PROFESSOR" [Palavras] and ("EDUCACAO SEXUAL") or "SEXUALIDADE" [Palavras]]; e na MEDLINE foram utilizados as seguintes palavras: [("DOCENTE") or ("EDUCADOR") or

"PROFESSOR" [Palavras] and "SEXUALIDADE" [Palavras]], pois não encontrou-se o descritor educação sexual na referida base. O levantamento dos estudos ocorreu no mês de fevereiro de 2014.

Para selecionar as produções científicas, os critérios de inclusão foram: artigos que respondessem à questão de pesquisa; que apresentassem resumo na base de dados; artigos de pesquisa original que estivessem disponíveis na íntegra *online* e fossem gratuitos; nos idiomas: português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram: teses; capítulos de teses; dissertações; capítulos de dissertações; monografias, capítulos de monografias; manuais ministeriais, relatórios técnicos e anais de eventos. O recorte temporal utilizado foi a partir do ano 1996, em virtude da inclusão da temática orientação sexual como tema transversal nos (PCN's), encerrando o recorte no ano de 2013.

Foram encontrados 155 estudos. Primeiramente, ocorreu a da leitura dos títulos e resumos nas bases de dados, a qual foi aplicada à pergunta de pesquisa seguido dos critérios de inclusão e exclusão, permanecendo 23 artigos. Excluíram-se os artigos repetidos entre as bases de dados. Após realizou-se a leitura dos artigos na íntegra, sendo selecionados oito artigos para análise, conforme estratégia de busca (APÊNDICE B).

Para a realização da coleta dos dados dos artigos, realizou-se uma ficha de análise documental, contemplando os seguintes itens: autores, título, ano de publicação, país, sujeitos do estudo, procedência, objetivo, abordagem metodológica, método, principais resultados e recomendações do estudo. Os artigos foram identificados pela letra A de artigo, seguido de uma numeração A1, A2, A3, sucessivamente, segundo o quadro 1 (APÊNDICE C).

A etapa de análise foi desenvolvida a partir da transposição dos resultados e posterior leitura, para que assim pudesse ser desenvolvida a codificação cromática nos achados fichados. Destacaram-se previamente os seguintes eixos: facilidades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola e dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola. Nesta etapa, foram observadas as convergências e divergências existentes sob a ótica de diferentes autores. Em relação aos aspectos éticos, do presente estudo, respeitaram-se as ideias, os conceitos e as definições dos autores, esboçadas fidedignamente, descritas e citadas conforme as normas do trabalho em questão.

Para apresentação dos resultados utilizou-se os temas preestabelecidos com o aporte de quadro, figura, frequência relativa e absoluta.

Assim, referente ao ano de publicação dos artigos selecionados: em 2010 e 2012 e foram dois artigos cada um (25% cada ano) seguidos pelos anos de 2005, 2006, 2007 e 2011, com uma publicação cada (12,5% cada ano), segundo o explicitado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição das produções científicas, segundo o período de publicação. LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.



Fonte: Elaborada pelo autor

Quanto à área do conhecimento, foram classificados conforme Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES): três artigos da enfermagem (37,5%), dois da psicologia (25%). As áreas multiprofissionais, educação física e educação, apresentaram cada uma, um artigo (12,5%).

Em relação ao País de publicação dos estudos, destacou-se o Brasil com 100% das publicações. Já a procedência dos estudos contemplaram os seguintes estados da Federação Nacional Brasileira: quatro artigos provenientes de São Paulo (50%), dois artigos do Ceará (25%) e um artigo na Paraíba e outro não foi possível identificar os estado de procedência (12,5% cada artigo).

Quanto à abordagem metodológica dos estudos 75% são qualitativos e 25% quantitativos. Em relação ao método utilizado, 87,5% dos estudos são estudos descritivos exploratórios, sendo um (12,5%) pesquisa-ação.

Tabela 1 - Caracterização dos artigos analisados, segundo a área de conhecimento, país, procedência estudo (Estado da Federação Brasileira), abordagem metodológica e método.

LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.

Itens	N	%
Área do conhecimento		
Enfermagem	3	37,5
Psicologia	2	25
Multiprofissional	1	12,5
Educação Física	1	12,5
Educação	1	12,5
Procedência dos estudos – País		
Brasil	8	100
Procedência dos estudos – Estados		
São Paulo	4	50
Ceará	2	25
Paraíba	1	12,5
Não identificado	1	12,5
Abordagem metodológica		
Qualitativo	6	75
Quantitativo	2	25
Método		
Descritivo Exploratório	4	87,5
Pesquisa-ação	1	12,5

Fonte: Elaborada pelo autor

A análise realizada a partir dos eixos pré-estabelecidos delineou dois eixos: facilidades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola e dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola, os quais serão apresentados a seguir:

2.2.1 Facilidades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola

O eixo facilidade, após a análise, apresentou as seguintes temáticas de estudo: estabelecimentos de confiança entre educando, educador e/ou família (A2, A5, A6); estratégias de ensino aprendizagem (A4 e A6) e transversalidade (A8).

Em relação à temática sobre estabelecimentos de confiança e afetividade entre educando e educador e/ou família, compreende-se que estes eixos sejam utilizados como ferramentas para auxiliar no processo ensino aprendizagem do jovem contribuindo para seu desenvolvimento enquanto cidadão (VERAS; FERREIRA, 2010).

Em relação às estratégias de ensino aprendizagem, como por exemplo, os materiais audiovisuais e dinâmicas de grupos, são estes tidos como fonte de discussão do tema

orientação sexual. O uso do material audiovisual como filmes, vídeos, teatros, dinâmicas de grupo, entre outros, é bastante eficiente para se trabalhar orientação sexual em sala de aula com adolescentes. A utilização desses materiais possibilita relacionar a realidade e o cotidiano dos jovens com o conteúdo a ser abordado em sala de aula com uma linguagem facilitadora, o que impulsiona a introdução e discussões de temas reais, propiciando a compreensão, aprofundamento, enriquecimento e fixação dos conteúdos (MENEZES et al, 2013).

Busca-se, por meio da utilização desses materiais audiovisuais, uma melhor interação entre educador/educando proporcionando também a quebra da rotina educando/giz/lousa e mantendo a sala de aula como um espaço para debater sobre orientação sexual do ponto de vista não apenas biológico, mas também emocionais, psicológicos e social (MENEZES et al., 2013).

A dinâmica de grupo é importante, pois por meio dela consegue-se atingir os objetivos mais facilmente, a partir do compartilhamento de ideias e experiências, abrindo espaços para discussões e conseqüentemente mudanças de comportamento dos jovens em relação a sua sexualidade (RASCHER; SANTOS, 2013).

Já no que se refere à transversalidade da orientação sexual, muitas vezes os educadores ficam presos aos conteúdos estabelecidos ou então não se veem na obrigação de aplicar esse tema transversal que é importante ser abordado com os adolescentes. Porém é na escola, na sala de aula e no interior das inúmeras disciplinas, o espaço ideal para discutir educação sexual. Além de possibilitar a criação e alternativas que estimulem os alunos a adquirirem concepções, posturas, responsabilidades e valores (CUBA, 2010).

As facilidades descritas acima se mostram importantes para o trabalho dos educadores em desenvolver o tema transversal orientação sexual em sala de aula, pois como a estabelecimentos de confiança entre educando, educador e/ou família, a transversalidade e as estratégias de ensino aprendizagem são a base para o bom desenvolver dessa temática, com o intuito de auxiliar os educandos a desenvolver autonomia para um cuidado de si.

2.2.2 Dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola

O eixo dificuldade, após a análise, apresentou as seguintes temáticas de estudo: formação docente (A1, A2, A3, A5, A7, A8); enfoque biológico (A2, A3, A5) e questões sociais (A3, A7).

Na formação do educador, inúmeras barreiras, como a insegurança, despreparo, valores, a falta de materiais, dificultam o futuro do trabalho dos educadores em sala de aula. Em virtude de vivenciarem momentos de questionamentos dos educandos sobre sexualidade e, muitas vezes, por falta de manejo, habilidade, limitações e falta de conhecimentos, estes não conseguem trabalhar esse assunto, tampouco sanar dúvidas advindas dos adolescentes (SOUZA et al,2010).

Nesse sentido, torna-se relevante o desenvolvimento de capacitação/formação continuada para os educadores, uma vez que dependendo da metodologia utilizada nesses espaços, será possível proporcionar aos educadores momentos de discussões e reflexões no qual cada um apresentará sua forma de abordar o assunto sexualidade com mais facilidade. Também é importante que nesses espaços coletivos haja a inclusão de discussões sobre as vivências/experiências de sexualidade em seus currículos, a fim de que seja permitida uma reconstrução e desmistificação de alguns preconceitos existentes (AQUINO; MARTELLI, 2012).

Conforme Demo (2006), desenvolver uma atitude de educador perpassa pelo conhecimento de si, do outro, dos valores, das crenças, dos sentimentos, das emoções, entre outros. Significa também, a busca constante de novos conhecimentos e de outros mundos no campo da pedagogia. Para tanto, precisa-se compreender e refletir as contradições para que em algum momento estas possam ser superadas.

Os educadores sentem-se, muitas vezes, dificuldades para trabalhar com o tema orientação sexual do PCNs, seja por não ter sido abordado na sua graduação, ou mesmo por desconhecimento desse tema transversal. Porém, isso, muitas vezes ocorre pela falta de meios para sanar essas dúvidas (MENEZES; SANTOS, 2012).

Os trabalhos de formação continuada podem ser inseridos durante a graduação dos futuros educadores, pois auxiliará na construção do jovem profissional quanto aos temas relacionados orientação sexual, em especial: ao gênero, diversidades, entre outros, além de permitir reflexões acerca de como abordar e quando abordar os temas transversais (UNBEHAUM, CAVASIN, GAVA, 2010). Bem como utilizar estratégias como leituras, vídeos, palestras, utilização de materiais didáticos entre outros (OLIVEIRA, LIMA, PAGAN, 2012), além de firmar parcerias com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a da saúde.

Assim, entende-se que a interdisciplinaridade faz-se necessária nesse contexto, em virtude dos educadores terem subsídios para abordar as temáticas sobre corpo e sexualidade

não somente em momentos pontuais. O trabalho interdisciplinar dos educadores, juntamente com os profissionais da saúde, permitirá que o enfoque biológico não seja tratado somente na vertente biológica da sexualidade como a anatomia e a fisiologia dos órgãos reprodutores, mas sim abordar e discutir aspectos subjetivos da temática, realizando assim um trabalho completo e consistente, promovendo espaços em que o cuidado com o corpo, questões sobre o afeto, a autoestima e o amor sejam refletidos e debatidos em sala de aula.

A interdisciplinaridade trabalha de forma integrada com a informação e formação dos adolescentes para que o mesmo consiga adotar medidas voltadas para a melhoria da saúde sexual, qualidade de vida individual e coletiva, com a finalidade de construir uma visão crítica sobre a realidade em que está inserido (SOUZA; CRISOSTIMO, 2009).

Quanto às questões sociais como a igreja, a família e a sociedade apontadas nos estudos, sugere-se que ao se trabalhar com o tema da educação sexual na escola, este deve ter colaboração e participação da família, igreja e comunidade. Cada sujeito e sua família apresentam valores, concepções e crenças advindos de sua estrutura e, por isso, ressalta-se a relevância de incluí-los nesse trabalho coletivo. A família deve ter ciência da dinâmica de trabalho adotada em sala de aula, bem como do corpo de conhecimento utilizado na construção do material teórico/prático (REIS; MAIA, 2012).

Assim, cabe à escola complementar o conhecimento que a família repassa ao adolescente sobre orientação sexual. Nesse sentido, compete ao educador estar atento a cada valor que a família quer passar ao adolescente e então buscar constante renovação de seus conhecimentos, para repassa-lo, já que cada adolescente apresenta dúvidas, lacunas, preconceitos e valores adquiridos de sua comunidade (BRETAS et al, 2011).

Em relação ao enfoque biológico, muitas vezes por falta de subsídios e para se preservar o educador trabalha a educação sexual nesse enfoque. Deixando de relacionar valores, preconceitos e tabus advindos dessas discussões (BRETAS et al, 2011).

A sexualidade não é apenas um tema de que deve ser seguido à risca pelo que esta nos livros, mas o educador deveria ter habilidade para discutir e lidar com tabus, valores e preconceitos frente aos questionamentos dos alunos (MADUREIRA; MARQUES; JARDIM, 2010).

A partir do levantamento das dificuldades e facilidades que o educador tem ao trabalhar o tema transversal sobre orientação sexual pôde-se perceber que a presença de um profissional da área da saúde, em especial o profissional enfermeiro, seria possibilidade de auxiliar os educadores na construção desse conhecimento. Uma vez que a possibilidade de

construir pospostas de trabalho, traçar objetivos na educação em saúde, promover discussões, além de fortalecer as relações sociais entre profissionais da educação e da saúde seria uma das medidas para fortalecer as potencialidades e minimizar as dificuldades em se trabalhar a orientação sexual em sala de aula.

A saúde e a educação se complementam, e cabe ao profissional enfermeiro papel de em conjunto com os educadores, instrumentalizá-los cientificamente por meio de discussões, planejamento de aulas, implantação de novas técnicas de ensino aprendizagem, esclarecimentos de dúvidas, entre outros, bem como ajudá-los no entendimento das necessidades dos educandos frente ao tema da orientação sexual.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de responder o objetivo descrito para este estudo, serão apresentadas as etapas a serem desenvolvidas: delimitação do tipo de estudo; cenário da pesquisa; sujeitos envolvidos; etapa de campo, a qual foi subdividida em: aproximação/ambientação com o cenário da pesquisa e produção dos dados; análise dos dados; divulgação dos resultados e a dimensão ética da pesquisa.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, descritiva exploratória. A investigação qualitativa apresenta como foco de estudo o significado que o ser humano atribui as coisas, levando em consideração suas vivências, seus sentimentos, suas manifestações, entre outros. Tais significados podem ser também percebidos e representados culturalmente por meio das crenças, valores e símbolos (TURATO, 2005).

Já as pesquisas descritivas visam descrever fatos, fenômenos e características de determinada população, além de identificar problemas e justificar situações para futuros planos e decisões. Compreende-se que os estudos com enfoque descritivo puderam permitir uma nova concepção do problema. Assim, tem a possibilidade de se ancorar na pesquisa exploratória (GIL, 2010).

Nesse sentido, buscou-se por meio dos estudos exploratórios a aproximação do problema descrevendo e examinando-o profundamente as práticas, os comportamentos, as crenças e as atitudes dos sujeitos ou de grupos, compreendendo o problema por meio da realidade (GIL, 2010).

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário escolhido para a realização do estudo foi a Escola de Educação Básica Antônio Morandini, a qual se caracteriza como uma escola pública do Município de Chapecó, sendo esta localizada na região oeste do Estado de Santa Catarina/SC. A escola foi previamente escolhida a partir da apresentação do projeto para a Secretaria da Educação (SEDUC), e passou pela Gerência Regional de Educação 4ª GERED na pessoa da Professora

Maria de Lourdes Seben, gerente de educação. Além disso, tal cenário foi o campo de desenvolvimento para as atividades extensionistas da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC) do projeto intitulado: “Educação em saúde na atenção ao adolescente” que ao ser desenvolvido me instigou a desenvolver esse estudo, pois no desenvolvimento do projeto somente uma educadora da coordenação pedagógica acompanhava, os outros educadores não participavam e a partir de então foi pensado em como os educadores abordavam o tema orientação sexual em sala de aula e qual seria a percepção dos mesmos sobre esse tema. A escola possui um quantitativo de educandos dividido em períodos: no matutino apresenta 286 educandos; no período vespertino contempla 263 educandos e no período noturno, 108 educandos. Contempla as seguintes séries/anos: Ensino Fundamental - 1º ano ao 9º; Ensino Médio - do 1ª, com cinco turmas, 2ª com três turmas e 3ª com duas turmas, totalizando 26 turmas. Apresenta um quadro de 37 educadores e 14 funcionários, considerando direção, setor administrativo, setor pedagógico e serventes. A escola possui um grande espaço físico no qual os alunos o utilizam na hora do intervalo para brincar e conversar e também no horário do lanche, pois nesse espaço estão dispostas mesas com bancos, já que a sala de refeitório é muito pequena para o contingente de alunos.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da escola, em salas que permitiam a privacidade para a coleta de dados, as quais foram: sala do serviço de atendimento educacional especializado (SAEDE); sala dos educadores; biblioteca; coordenação pedagógica; e laboratório de informática.

3.3 SUJEITOS DE PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram 15 educadores. A etapa de campo foi desenvolvida concomitante a etapa de análise e este estudo utilizou a amostragem proposital, intencional e deliberada de participante. Tal amostragem tem o intuito de incluir os sujeitos sem número pré-estabelecido, além de auxiliar na obtenção de outras informações substanciais do tema estudado (FONTANELLA, 2008) e, assim, elucidar o objetivo da pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: educadores que ministram aula para ensino fundamental e/ou médio para adolescentes dos 10 aos 19 anos conforme o Ministério da Saúde considera a faixa etária para demarcar a fase da adolescência e na qual o SPE desenvolve ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes.

Foram adotados como critérios de exclusão: educadores que estivessem fazendo gozo de férias ou estivessem de licença.

3.4 ETAPA DE CAMPO

Esta etapa foi constituída de dois momentos: aproximação e ambientação com o cenário de pesquisa e produção dos dados.

3.4.1 Aproximação e ambientação com o cenário de pesquisa

Essa etapa de reconhecimento foi guiada pelo conceito de aproximação e ambientação explicitada por Padoin (2006). Em um primeiro momento teve-se uma conversa com a coordenação da escola, com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa. Foi recomendado deixar uma cópia do projeto para posterior análise. Assim a direção auxiliou na identificação dos possíveis sujeitos de pesquisa bem como quanto ao horário para a proposta pudesse ser apresentada para os educadores. Ressalta-se a receptividade de coordenação da escola na qual colaborou com todas as informações se mostrando sempre à disposição para o que fosse necessário.

No segundo momento foi realizada uma visita à escola para o primeiro contato com os educandos e também para explicitar a proposta de pesquisa. Na conversa estavam presentes proximadamente 10 educadores dos quais alguns não se encaixavam nos requisitos da pesquisa como por serem eram educadores de séries iniciais. Neste dia foram agendadas três entrevistas, sendo que os educadores se mostraram bem dispostos a colaborar, já em conversa com os demais educadores, se mostraram indispostos quanto ao tema e preferiram não se comprometer com a pesquisa.

Em um segundo encontro com os educadores, após ter realizado a primeira entrevista foi tentada mais uma aproximação com os educadores. Nesse momento foram agendadas mais duas entrevistas, sendo que um dos educadores na 1ª aproximação não demonstrou interesse em participar, o mesmo percebeu que sua participação seria importante na busca dos dados sobre a orientação sexual.

Os posteriores encontros com os educadores se davam antes das entrevistas ou então após as mesmas. A busca pelos sujeitos da pesquisa se deu nos três turnos, pela manhã, tarde

e noite, sendo que os educadores a noite tiveram maior aceitação. Todas as entrevistas foram realizadas nas dependências da escola em horário em que o educador estava fora de sala de aula e escolhido por ele mesmo.

3.4.2 Produção de Dados

A produção dos dados ocorreu por meio de uma entrevista, individual, semiestruturada, com um roteiro previamente elaborado, por meio de eixos que nortearam a condução da mesma (Apêndice D).

Dessa forma, os eixos norteadores da entrevista foram: se o educador conhece os Parâmetro Curricular Nacional e os temas transversais; quais os temas transversais eles trabalha em sala de aula e se a orientação entra nesses temas abordados e como é trabalhada; como o educador visualiza a orientação sexual no seu cotidiano escolar;

Este tipo de entrevista tem a finalidade de dirigir um determinado diálogo a fim de possibilitar um aprofundamento de determinada situação. Isso acontece porque o entrevistado expressa dentro do foco principal do entrevistador suas vivências e experiências. Tem a prerrogativa de, que se houver algum ponto que não foi esclarecido, o pesquisador poderá elaborar novamente a entrevista para esclarecê-lo (TRIVIÑOS, 1987).

De primeiro momento a ansiedade tomou conta da acadêmica, pois nunca havia realizado uma entrevista com fins de pesquisa, mas a orientadora a tranquilizou e auxiliou nas primeiras entrevistas, possibilitando que as mesmas ocorressem de forma tranquila sem elucidando os potenciais problemas. Outro medo que permeou esse momento de produção dos dados foi a manutenção das entrevistas no decorrer do encontro, pois os educadores poderiam retirar seu consentimento e negarem-se a continuar. No entanto, todos os educadores apresentavam-se dispostos a contribuir com a pesquisa, apesar dos mesmos ficarem temerosos com as perguntas que lhes fossem realizadas.

As entrevistas foram audiogravadas em um aparelho do tipo MP3 e, posteriormente, transcritas literalmente pela pesquisadora, após várias sessões de audição. As primeiras transcrições foram desenvolvidas antes da realização da entrevista subsequente, a fim de serem avaliados e realizados os ajustes necessários na posição do sujeito pesquisador, na condução da entrevista e/ou nos eixos norteadores.

A fim de manter o sigilo dos dados os educadores foram codificados pela letra arábica “E” de educador(a), E1, E2, E3, sucessivamente, conforme a ordem de realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas na escola e ocorreram durante os intervalos de trabalho e no entre as aulas. Tiveram duração média de 20 minutos, mas algumas duraram até 40 minutos, quando o educador se sentia mais à vontade para falar sobre o assunto da orientação sexual. Entretanto, teve-se entrevista que durou apenas 5 minutos, pois o mesmo não se sentiu à vontade para falar sobre o assunto. Muitos educadores antes das entrevistas ficavam inquietos e ansiosos para saber qual eram as perguntas que seriam realizadas. Para minimizar a ansiedade dos educadores, o roteiro com os eixos norteadores da entrevista era disponibilizado no momento da entrevista para leitura e posteriormente se iniciava a entrevista. No decorrer das entrevistas quando eram perguntados sobre a orientação sexual alguns, educadores ficaram ruborizados, deram risadas, ou então ficaram pensantes em como iriam respondê-la, pois muitos tinham vergonha, desconhecimento e medo de abordar esse assunto, conforme relato dos próprios educadores.

O período para a produção dos dados foi a partir de setembro a outubro de 2014, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC).

3.5 ANÁLISES DOS DADOS

Os dados foram analisados em conformidade com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009), a qual propõe três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A fase de pré-análise correspondeu à organização do material pesquisado a qual tem o objetivo de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais; para que fosse compreendido a escolha dos documentos a serem analisadas, a formulação de hipóteses/objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentaram a interpretação final, foi extremamente necessário ler e reler os materiais, nesse caso as entrevistas semiestruturadas, até impregnar-se de seu conteúdo.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a leitura exaustiva das entrevistas, a fim de buscar a familiarização com o conteúdo e também ver o que foi mais relevante, para então formar os códigos cromáticos que após, formariam as de unidades de significados. No total obteve-se 20 códigos cromáticos conforme Apêndice E.

Já a fase de exploração do material consistiu, basicamente, em operações de codificação e enumeração (regras de contagem como presença/ausência, frequência e intensidade dos depoimentos). A qual tem finalidade de transformar os dados brutos em unidades de significação representativas do conteúdo. Assim, realizou-se a análise dos códigos cromáticos e compilados por sua analogia, formando, seis unidades de significação, sendo denominadas neste estudo de categorias temáticas.

A última etapa, que consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação, foi realizada a partir da obtenção dos resultados significativos, podendo ser propostas inferências e interpretações a propósito do objetivo previsto ou das descobertas inesperadas, tecendo-se categorias de análise (núcleos de sentido). A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação (isolar) e, em seguida, por um reagrupamento analógico e homogêneo em função de caracteres comuns, como temas, por exemplo. Neste estudo resultaram em duas categorias analíticas, que são elas: percepção da orientação sexual na escola como construção social de gênero e percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram. (APÊNDICE F)

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Primeiramente, o projeto passou pela aprovação da Secretaria de Educação do Município de Chapecó a fim de solicitar a autorização para que a pesquisa fosse realizada, conforme Apêndice G. Após, foi devidamente registrado na Plataforma Brasil e encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC), o qual teve sua aprovação pelo registro número 753.432. O projeto respeitou os preceitos éticos da Resolução de número 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS)/Ministério da Saúde que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentares da pesquisa envolvendo a participação de seres humanos. Para isso foi solicitada aos sujeitos do estudo, no caso, dos(as) educadores(as) a assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE H) e do Termo de Consentimento para Fotografia, Filmagem e Gravação (APÊNDICE I), após a leitura e a concordância dos educadores em participar da pesquisa.

O TCLE teve o intuito de reafirmar que a participação na pesquisa, pelos educadores, é voluntária bem como explicitou a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que este poderia ter acarretado. Além disso, os sujeitos foram informados do direito que tinham de desistir da pesquisa a qualquer momento, não implicando em danos nem penalização ou prejuízo para si (BRASIL, 2012).

O TCLE foi assinado em duas vias, de igual teor, rubricadas em todas as suas páginas, o qual uma ficou de posse do(a) educador (a) e a outra de posse da pesquisadora responsável pelo estudo. As entrevistas estão armazenadas pela professora orientadora e responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, Crhis Netto de Brum, em uma sala da UFFS/SC, Campus Chapecó destinada ao Curso de Graduação em Enfermagem, por um período de cinco anos após o término da pesquisa, após o tempo pré-estabelecido, será destruído (incinerado). A pesquisadora tem o compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados, na qual é preservado anonimato e o sigilo dos educadores (APÊNDICE J).

Ressalta-se que a participação nesta pesquisa poderia resultar em riscos relativos a algum constrangimento, embaraço ou sofrimento que o educador(a) pudesse sentir ao recordar de fatores dolorosos/tristes, entre outros sentimentos de desconfortos relacionados as lembranças de sua atuação profissional ao realizar a entrevista. Além disso, poderia sentir cansaço e desconforto pelo tempo que poderá envolver a entrevista.

Caso ocorresse algum desconforto, a entrevista somente teria seguimento se o educador(a) tivesse condições emocionais de continuar, caso o contrário, o gravador seria desligado, a entrevista seria descartada ou remarcada conforme o desejo do educador(a) envolvido. E após, seria realizado o apoio necessário, por meio de uma escuta terapêutica. Caso fosse necessário encaminhá-lo para algum serviço de referência, seria para a Unidade de Saúde, que seja parte do Sistema Único de Saúde (SUS), mais próxima a sua residência. Salienta-se que neste estudo, nenhum educador precisou de atendimento ou encaminhamento.

Esta pesquisa não envolveu nenhum tipo de benefício direto (financeiro) ao informante, exceto a possibilidade de articulações entre a saúde e educação para a realização do tema da orientação sexual na escola.

4 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em dois momentos: caracterização dos educadores e, nas categorias analíticas, conforme a proposição da análise: a percepção da orientação sexual na escola como construção social de gênero e a percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS EDUCADORES

A entrevista foi realizada com 15 educadores sendo que 33,33% são do sexo masculino e 66,66% do sexo feminino, com idades variando entre 26 e 48 anos. Referente ao grau de instrução, dez educadores já cursaram ou estão cursando pós graduação, lato sensu, três têm ou possuem mestrado, e dois educadores ainda não concluíram o ensino superior. Os educadores entrevistados são das mais diversas áreas da graduação e ministram as disciplinas conforme a sua área de graduação, somente duas educadoras não trabalham com matérias específicas a sua graduação, pois trabalham com crianças especiais. Em relação aos anos de licenciatura, há educadores que estão lecionando há 28 anos e outros há três anos, cinco educadores trabalham em escola pública e privada, e o restante apenas leciona em escola pública.

Quadro 1 - Caracterização dos educadores sobre a percepção da orientação sexual na escola

Código entrevista	Sexo	Idade	Grau instrução	Área graduação	Quantos anos leciona	Trabalha em escola	Matérias que leciona
E1	F	33 anos	Pós - graduação Lato sensu	Pedagogia e licenciatura em educação especial	3 anos	Pública	Não tem uma disciplina específica
E2	F	42 anos	Pós - graduação Lato sensu em matemática e física	Matemática	Não informou	Ambas	Matemática, física
E3	F	46 anos	Superior incompleto	Inglês	Não informou	Ambas	Inglês
E4	F	28 anos	Pós - graduação Lato sensu	Biologia e ciência	3 anos	Pública	Biologia e ciência
E5	M	46 anos	Pós - graduação Lato sensu	Geografia	12 anos	Ambas	História, geografia, filosofia, sociologia
E6	F	38 anos	Pós - graduação Lato sensu	Pedagogia	9 anos	Pública	Não tem uma disciplina específica
E7	M	34 anos	Pós - graduação Lato sensu	Literatura brasileira	3 anos	Pública	Português e literatura
E8	F	43 anos	Pós - graduação Lato sensu	Português letras	16 anos	Pública	Língua portuguesa
E9	F	38 anos	Mestrado	Português letras	17 anos	Pública	Inglês e português
E10	F	26 anos	Superior incompleto	Ciências sociais	3 anos	Ambas	Sociologia
E11	M	29 anos	Pós - graduação Lato sensu	Filosofia	3-4 anos	Pública	Filosofia
E12	M	39 anos	Mestrado	Matemática	16 anos	Ambas	Matemática
E13	M	35 anos	Pós - graduação Lato sensu	Educação física	12 anos	Pública	Educação física
E14	F	48 anos	Pós - graduação Lato sensu	Pedagogia	28 anos	Pública	Anos iniciais
E15	F	33 anos	Mestrado incompleto	Educação	10 anos	Pública	Química

Fonte: Bandeira, J. Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem. Chapecó. SC. Brasil, 2014.

4.2 PERCEPÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO

A percepção dos educadores sobre a orientação sexual na escola, como construção social de gênero, contempla duas perspectivas de atuação, uma centrada na corporeidade dos educandos centrada na concepção da distinção de gênero, e outra se encontra pautada na visibilidade da homossexualidade.

A maneira mais confortável que os educadores encontram para trabalhar a orientação sexual com os adolescentes é separando os meninos das meninas, pois muitos se sentiam envergonhados ao falar do tema. Desta forma, a orientação sexual, na visão dos educadores e como construção social de gênero, deve ser trabalhada a partir do:

[...] saber respeitar o corpo, [...] saber respeitar o outro [...] saber que temos diferenças, sim, [...] a gente não tem que camuflar, esta ali na mídia, esta na televisão, esta nos rádios [homossexualidade]. (E1)

[...] as meninas tinham vergonha dos meninos, então a gente dividia, ia as professoras com as meninas e os professores com os meninos, sempre tirando as dúvidas [...]. (E8)

Bem em sala de aula, quando eu trabalhava, não abordava muito esse assunto, mais eram pequenas conversas fora da sala de aula. Assim, ocorria quando as meninas chegavam e perguntavam para tirar alguma dúvida. Agora [que esta trabalhando] nessa parte pedagógica, a gente tem esse contato direto com o aluno, ai a gente tem mais o tempo e elas vem procurar para tirar algumas dúvidas [...] sou leiga no assunto, né, mas nunca deixo de dar um conselho, uma dica uma ideia sobre isso, né, na questão de se cuidar, de se prevenir, né, na questão da relação sexual precoce a gravidez na adolescência, que é uma coisa bem comum nos nossos adolescentes. (E9)

Destaca-se que a orientação sexual está centrada no conceito de construção social de gênero, exemplificada pelas escolhas que os educandos podem realizar ao longo de suas vidas sem, necessariamente, se definirem como homem, mulher ou homossexual.

Outro aspecto que demonstra que a percepção dos educadores no contexto escolar, está atrelada ao conceito de construção de gênero é por trabalharem em suas ações as diferentes estruturas familiares, não mais somente homem e mulher e, mesmo assim, apontar ressalvas sobre essa nova perspectiva familiar. A construção social são normas impostas pela sociedade que devem ser seguidas pelo individuo. Apontam que a orientação sexual é uma questão de acreditar no que seja melhor para cada um, independente do sexo.

[...] eu vou ser orientado a ser homossexual, ou eu vou ser orientado a ser heterossexual, ou bissexual, ou transexual, então é o que, é aquela questão que vem dessa questão é da própria diferença de gênero, de sexo né, o sexo está ligado a que

ao biológico, macho, fêmea, já as construções de gênero é o que e aquelas construções sociais que a gente vai dizer do rosa é para o menino, para menina, o azul para menino, então a orientação sexual ela tem o que? [...]Eu vou trabalhar desde essa questão do conceito de gênero, de sexo, o que que é um bissexual, o que é homossexual, o que é hetero, o que é uma escolha, o que é uma orientação, tudo nessa ideia da construção social de gênero, como que a construção social influencia a vivencia individual de cada ser. [...] até uma coisa que eu acho muito legal aqui da escola é o seguinte, é vem trabalhar um pouco dessa diversidade sexual e tudo mais no dia do pai no dia da mãe no dia do avô, né em pensar que ter família, só não temos mais um padrão familiar ou podemos ter mas não que é exemplo de ter pai mãe e filhos, temos outras novas constituições familiares, dois pais , duas mãe né, dos casais homoafetivos, e aqui na escola uma das ações é isso não comemorar o dia do pai nem seu dia de mãe, é o dia da família, entende? [...]. (E10)

[...] a orientação não digo nem que é uma opção né, mas orientação sexual é aquilo que a pessoa acredita ser, naquilo que ela se sente melhor, que sexo é uma coisa ou é feminino ou é masculino né, mas a questão da orientação como você se sente, você se sente um homem você se sente uma mulher você vive como um homem você vive como uma mulher, acho que é nesse sentido a questão da orientação. Não tem a ver com feminino ou masculino tem a ver de como você se sente enquanto homem ou mulher, independente de sexo. [...] (E14).

Os educadores apontam a necessidade de se trabalhar a orientação sexual a partir da valorização do corpo, principalmente das meninas. Uma vez que, na fase da adolescência existem inúmeras descobertas, sentimentos, desejos e anseios que necessitam ser discutidos na escola. Evidenciam a necessidade do apoio da família diante desse contexto a fim de auxiliá-los nesse momento de mudanças. Percebem que a coordenação pedagógica é a responsável por acompanhar casos de como os adolescentes se comportam e se vestem para, então, intervir e orientar. Os educadores acreditam que a orientação deve ser trabalhada com os adolescentes desde crianças, porém isso muitas vezes não acontece, não se tem uma conversa com o jovem sobre as transformações que ocorrem no corpo, a sexualidade que cada vez aflora mais cedo e as opções sexuais que emergem.

[...] dentro da orientação sexual, principalmente as nossas alunas, que são adolescentes e que a gente vê que elas engravidam de uma maneira precoce, [...] não sabem valorizar o corpo delas, elas se expõem em situações que eu falo pra elas: meninas valorizem o corpo de vocês, não é dessa maneira, se expondo assim, que vão ganhar respeito, se você quer respeito se de o respeito. (E2)

A partir do sexto ano já começa menina gosta de guri fulano gosta de sicrano e de beltrano, e eles perguntam daí bastante coisas, [pausa] já começa no beijo né, volta e meia tem um no banheiro se beijando ai tem que, as vezes tem que comentar um pouco na sala também né, [pausa] do corpo também, o que é masturbação.(E4)

[...] envolve acredito que isso também [a questão pedagógica], até os valores inclusive, hoje tivemos reunião, ontem uma aluninha, com o calor, o verão, já veio vestida pra matar, digamos assim, [...]. (E5)

[...] orientação sexual é você orienta desde que a criança começa a apresentar mudanças no corpo né, começa entra pra fase da adolescência que tá orientando tudo que essa transformação que tá acontecendo e depois dali você tá orientando a

questão da sexualidade né, que hoje em dia eles estão namorando muito cedo eles tão achando que tá acontecendo muito rápido essa questão de transar cedo. (E6)

[...] [escola] precisa mais orientação, mais cuidado, [inclusive] os pais, que agora com o começo do verão, [meninos] percebe que as menina estão, até foi discutido hoje pela manhã, para utilizar o calção mais adequado, que estão vindo muito curtos, daí tem os meninos, que começam, né, tu sabe brincadeiras, e começam a passar a mão[...]. (E7)

Entretanto, ressalta-se que o educador percebe a necessidade em se trabalhar com a valorização do corpo, preferivelmente, precocemente, em decorrência da gravidez na adolescência. Esta preocupação se dá em virtude do aumento de casos de gestação em adolescentes em todo o País, o que remete à necessidade de ações dentro do espaço escolar.

[...] orienta a pessoa sexualmente pra ela saber fazer a coisa na época certa, por que às vezes eles começam muito cedo a vida sexual e pra mulher acaba atrapalhando um pouco por que se ela se torna mãe muito cedo ela vai ter que deixar certas atividades que ela poderia tá fazendo como escola, [por exemplo] trabalhar, né? (E3)

[...] esta muito rápido as coisas, estão acontecendo muito rápido, a gente vê nos índices hoje, crianças, meninas com doze, treze anos já estão grávidas. (E6)

[...], mas eu acho muito interessante trabalhar [orientação sexual] por que cada vez mais, estão aparecendo meninas com anos grávidas, já tive duas alunas, uma de doze e outra de treze anos grávidas. (E15)

Os educadores destacam a necessidade de trabalhar na orientação sexual com temas que abordem a homossexualidade e a homofobia. Entretanto, apontam que, além disso, seja trabalhado com o preconceito que envolve estes temas. Alguns educadores, ao trabalharem com o preconceito, o fazem dentro da sua disciplina, tentando encaixar com os conteúdos programáticos, buscando trazer um posicionamento crítico sobre o tema.

E ai eles puxaram a história que tem lésbica, tem gay, tem isso, tem aquilo, expliquei pra eles a questão de gênero que eles queriam saber [...] tem casos que eles ficam meio assim, mas dois guris juntos, isso não pode, né, então a gente acabou comentando um pouco a parte do preconceito também entre eles. [...] e ai eles puxaram a história que tem lésbica tem gay tem isso tem aquilo, expliquei pra eles lá os gêneros que eles queriam saber [...] tem casos que eles ficam meio assim né, bah, mas dois guris juntos, isso não pode né, então a gente acabou comentando um pouco a parte do preconceito também entre eles. (E4)

[...] não acredito que seja algo genético [homossexualidade] como a gente né já ouviu fala que vem da genética, não acredito que não tenha um estudo [...], Então, assim, eu me preocupo por que daqui a pouco não é tudo aquilo, daí a pessoa já está exposta [...], hoje em dia tá acontecendo muito rápido, coisas que há dez anos isso não existia, até existia, mas era uma coisa mais tipo assim, mais reservado, né [...]. (E6)

[...] sobre tudo da questão do preconceito, da homofobia, um tema que eu insisto em trabalhar com frequência, esse ponto eu admito que eu trabalho bem [...]. (E11)

[...] o sujeito não deixa de ser pessoa, não deixa de ter os seus direitos em função da sua orientação sexual e ai o professor tem que se posicionar no sentido de garantir

que o preconceito não aconteça ou garantir o conhecimento do aluno, pra que ele percebe que puxa por que tem a orientação diferente que não tem o direito de estar na escola, de opinar, de fazer, de participar da atividade e tudo mais, como professor se posicionando digamos como eu falo nesse sentido né, de não deixar simplesmente passar, ou esconder a situação. (E14)

Os educadores sinalizam que os meios de comunicação têm grande influência sobre os adolescentes, de tal forma que impõem as questões sobre a homossexualidade, regendo o comportamento das pessoas. Assim, percebem que a mídia acaba dificultando a orientação sexual, pois banaliza estereótipos sobre a sexualidade e quanto às escolhas sexuais dos adolescentes.

[mídia] falam muito da questão dos homossexuais, que acho assim, que eles fomentam tanto isso, que é como se os heteros não existissem. É uma forma de excluir os heteros, por que, assim, como eu tenho que respeitar ele, o diferente, ele também tem que respeitar a minha heterossexualidade. [...] os meios de comunicação, nossa tem que aceita, tem que aceita, foi muito para um lado [...]. (E1)

[...] a mídia, ela altera muito o comportamento das pessoas assim, a televisão, o cinema, então eles ficam meio lavados [risos], ficam meio conduzidos por uma imagem que é muito, muito endeusada, muito mistificada, muito enfatizada e eles acabam tendo, querendo transportar a vida deles nessa situação né, as meninas se exibem demais, os meninos extrapolam demais eu acho que o ponto fundamental é a mídia ela atrapalha muito. [pausa]. (E3)

[...] Olha em parte eu acredito que ela [mídia] dificulta o trabalho, por que como eu falei ela banaliza estereótipos de sexualidade, não por que o rapaz pra ser viril, pra ser másculo ele precisa ser potente na cama, ele precisa ter, com o perdão da palavra ser bem dotado, ter um membro maior, grande e tudo mais e a menina tem que ter aquele arquétipo, aquele perfil estipulado de ser magra, de ser siliconada, de ser isso de ser aquilo, muitas vezes o jovem não se identifica com isso, ele tem esse choque de realidade ele ou se frustra ou se decepiona ou simplesmente tenta se adequar aquele paradigma, aquele parâmetro de beleza que é estipulado, e isso gera desconforto, mal estar. (E11)

Para os educadores, a orientação sexual deve trabalhar com as diferenças sexuais, respeitando as particularidades e singularidades. Entretanto, destaca-se que todos, mesmos os heterossexuais, precisam ter os seus direitos e deveres preservados, e que isso deve ocorrer independente de sua condição sexual. Relatam que cabe à comunidade escolar o papel de ensinar os adolescentes a refletirem sobre essas escolhas.

Acho que as diferenças tem que existir sim, mas não, como uma forma para separar, mas para respeitar o outro, na sua particularidade, na sua singularidade, acho que a gente tem que respeitar, ele é assim tudo bem, mas você também tem que me respeitar como eu sou assim [...]. Assim, como os heteros não podem ficar se agarrando aqui na escola, porque não é objetivo aqui na escola, escola é ensino, ensinar, não é ficar se agarrando, é bem tranquilo, eu vejo, bem tranquilo. Assim como não é pra um, não é para o outro. Que você é gay que não pode ficar se beijando, não é isso, seu eu sou hetero também não posso [...]. por que na escola,

quando isso acontece, eu acho que tem que sentar e explicar, não é por opção sexual, não, objetivo da escola, vamos orientar [...]. (E1)

Os meninos e as meninas do mesmo sexo se agarrando muito, tendo muito contato físico eu acho que deveria procurar conversar, assim com a pessoa tipo assim orienta ela para não ficar fazendo isso, assim ser mais discreta né por que é as vezes ela pode sofrer um certo preconceito, [...], então acho que deveria conversar com a pessoa e pedir para ela se portar, ser mais discreto, não ter esse tipo de atitude em sala de aula por que pode deturpar as vezes as pessoas [...]. (E3)

[...] Eu acho que uma conversa com eles, falar sobre as diferenças, respeito. Não, não sei aqui na escola não sei se o pessoal tem medo, mas não tenho visto pessoas digamos eu nunca vi um aluno assim com orientação homossexual. (E12)

Assim, nessa primeira categoria analítica, os educadores vislumbram a orientação como questão relacionada a homossexualidade, a corporeidade e distinção de gênero. Já na segunda categoria a retratam como um solo em que nunca pisaram.

4.3 PERCEPÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA COMO UM SOLO QUE NUNCA PISARAM²

Os educadores também perceberam o tema transversal sobre orientação sexual como um solo que nunca pisaram, apontando não se sentirem preparados, e que por vezes, não trabalham com esta temática em sala de aula. Apresentaram a possibilidade de ter o auxílio de outro profissional que entenda do assunto, ou de algum outro colega que já venha desenvolvendo trabalhos sobre o tema na escola.

[...] isso é complicado igual eu te falei é um solo que eu nunca pisei , entendeu? Então eu nem sei como eu iria abordar isso [...] é igual eu te falei , não é meu solo mesmo(risos).Não me vejo preparada pra entra nesse solo né [risos]. [...] Ser orientada como falar, como fazer, como conduzi-los. [...] vocês ai [risos] pessoas mais habilitadas a conduzir os professores instruir os professores. [...] Habilitadas de ter experiências nesse campo né de como você abordar como você encaminhar. [...] é orientar para que eles não se envolvam tão jovens e acaba perdendo o rumo da vida deles né. [...] Eu acho que deveria ser trabalhado mais. [...]. (E3)

Eu não me envolvo muito com essa questão, eu sei que as meninas fazem esse trabalho, trazem palestrante, conversam, mas é dentro da área da ciência e da biologia. [...] Eu não sei te dizer , isso que eu te falei , eu não estou dentro dessa área. (E2)

É alguns [professores] não trabalharam [...] é um tema que envolve todos por que é o nosso dia a dia é o que a gente vive. (E4)

Até era pra ser uma, uns debates, uma disciplina, coisa mais regular nas escolas né, orientação sexual, mas não se tem uma disciplina sobre isso que se trabalhe em escola né diretamente, seria importantíssimo, [...]. (E5)

Primeiramente teria que tá se trabalhando isso tipo assim tendo uma alguém pra ta orientando a gente professor como chegar nos alunos como tratar disso abordar esse assunto com os alunos a gente aborda mas como chega no aluno sabe a partir do que ele sabe de repente né ta tirando as dúvidas que mesmo a gente como professor muitas vezes não tem não sabe tudo né. [...] Eu digo assim por que não tem uma disciplina especifica, sexualidade pra trabalha, e eu acho que teria que tá revendo por isso eu falei ta revendo isso e tá se trabalhando essa questão não, assim no especifico né não ta trabalhando no todo por que no todo a gente vai abrangendo um pouco de cada conforme as disciplinas dentro da interdisciplinaridade, só que eu vejo assim que teria que tá trabalhando especifico né e não se trabalha isso. [...] não tem se hoje na escola também uma disciplina para sentar e tirar essas dúvidas seria muito importante isso, e seria importante a gente ter isso né. (E6)

Na minha disciplina não, não trabalhamos nessa área né, mas o problema o que eu posso, o que algumas dicas eu passo pras meninas pros meninos, mas não entro em detalhe né questão de pra não constrangimento tudo mas eu acredito que devia te uma disciplina que falasse especificamente desse assunto. (E7)

² A expressão como um solo em que nunca pisaram foi retirada de uma das falas dos educadores, a qual remete a um tema o qual os educadores apresentam dificuldade em abordar em sala de aula, muitas vezes os mesmos, não abordam ou então quando abordam é de forma mais tímida, não se sentindo preparados para trabalhar com esse tema.

Eu acho assim que hoje cada um trabalha seu conteúdo, geografia não vai abrir espaço história não vai abrir, matemática não vai abrir então cada um vê somente o seu conteúdo o seu currículo mas eu acho que deveria de repente a tentar colocar em algum integrar em algum conteúdo da disciplina. [...](E8)

[...] muitas vezes os professores não estão preparados para trabalhar essas questões em sala de aula, ou muitas vezes deixam só pra biologia trabalha ligado somente a questão sexual, biológica e a gente sabe que a orientação sexual não é somente vinculada a questão biológica e seria a construção social e as vezes ela é podada ela não é trabalhada, e é o momento que tivesse os professores vão precisar se capacitar pra isso.(E10)

[...] em parte por estar começando a minha carreira como professor efetivo a pouco tempo eu me sinto um pouco inibido ainda, eu acho que a sexualidade acabou sendo muito banalizada no nosso contexto, os jovens perderam a dimensão do real significado do que seria o ato sexual, não é tudo aquilo puramente mecânico, instintivo, fiz e pronto, tem toda uma série de consequências, nem só uma questão fisiológica de doença, de gravidez e tudo mais, mas própria questão psicológica e na formação né da pessoa [...]. (E11)

Eu também vou ter que voltar a estudar sobre isso né, porque muito da nossa vivência é a vivência do dia a dia, de experiências de alunos a 5 anos atrás a gente vê que tá acontecendo de novo hoje, opa, até eu converso com o professor que tem mais tempo de experiência que eu, a gente diz opa lembra daquele ano assim, assim assim lembra? [...] tá acontecendo de novo né, aí tá acontecendo de novo, então a gente já tem a experiência mas não registra e não estuda sobre a experiência, a gente sabe que é a mesma, a gente liga o alerta, fica ali, é um caso parecido com que a gente já viu, mas como a gente não registrou não estudou sobre a gente não tem como intervir de uma maneira mais forte assim, forte eu digo qualificada, a gente sabe que já aconteceu, mas a gente não sabe o que fazer, como a gente não sabia da primeira vez, por que gente não foi atrás, não pesquisou, não registrou. (E13)

Ai eu acho que é necessário, não tem como não trabalha por que ela aparece e ai as vezes acontece situações que você enquanto professor educador tem que se posicionar, tem que orienta, tem que ajuda, tem que esclarece, tem que mostra que não, não pode ser assim ou pode ser daquele outro jeito, acho que é importante se trabalha. (E14)

No entanto, a orientação sexual na escola precisa ser incorporada pelos educadores em seus diversos contextos a qual precisa ser vista como um processo de mudança no âmbito escolar, pois acreditam que trabalhar a orientação sexual é fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos adolescentes.

[...] eu vejo assim que a nossa geração de professores são muitos acomodados, eles não querem o novo, o novo para eles incomoda, trabalham demais. [...] Então, assim, eu que eles estão acomodados sim, eles não querem mudar a prática, a metodologia de ensino[...]. (E1)

Eu acho que sim, eu acredito que especifica nessa nova proposta curricular que está sendo modificado que concretize essa disciplina de diversidade. Diversidade não lembro, mas que vem trabalhar as relações de gênero.(E10)

Ela é fundamental [orientação sexual], como em tudo na vida eu acredito que a educação escolar ela é só um reflexo um complemento da educação que o aluno trás consigo do ambiente familiar e da convivência da sociedade em geral, com amigos, com trabalho com tudo mais. (E11)

É um tema que não tem como não se trabalhar né, até por que ele tá bem latente, tá aparecendo muito né, é uma, a maior dificuldade da grande maioria das pessoas é aceita né, aceita conhece, e a partir disso você consegue trabalhar sobre. (E14)

Então, já tá aí como tema transversal pra gente tá encaixando nas disciplinas, eu esse anos estou trabalhando com meio ambiente, mas eu acho muito interessante trabalhar. (E15)

Ao perceberem a orientação sexual como primordial na escola, os educadores assinalaram a necessidade da inserção da família nesse contexto. Afirmam que esta possui um papel antecessor ao da escola, ao privilegiarem espaços de discussão e reflexão para os adolescentes, em casa. Os educadores percebem que o tema transversal orientação sexual deveria ser revisto, pois não está sendo trabalhado na sua totalidade, e que deveria ser abordado primeiramente pela família e depois na escola, pois os educadores não possuem muito tempo suficiente para discutir os conteúdos específicos, e tão pouco para esclarecer dúvidas sobre a orientação sexual.

[...] então assim, eu acredito que a escola tem sim que fazer esse trabalho, de orientar sim, chamar pra conversar, propor palestra, e explicar, porque o que eles precisam é para orientar, não pra mim fomentar algo, é para contribuir.[...] Nem tudo é a escola, só que a escola acaba assumindo tudo, assumindo tudo, né? Não que não deva, eu acho que tem que ter sim, como orientar, mas quem que tem que dar maior suporte, é a família, com certeza é a família [...].(E1)

[...] os alunos começaram a perguntar sobre a relação de sexo, de como que era, teve uma família que não gostou e vieram na escola para saber o por que estavam trabalhando isso na escola, que isso não era assunto da escola, por que sei lá, preferiam falar em casa e aí a diretora acabo explicando que era conteúdo da escola, e esta dentro dos parâmetros curriculares [...].(E4)

[...] o que que acontece, metade dos pais trabalham, é o normal os dois trabalhar direto né, tem que os dois, o casal trabalha, e aí onde que fica a questão de acompanhar os filhos, bah ficam sozinhos de manhã ficam fazendo o que? Com quem? Até tem o exemplo de uma menina que foram fazer um trabalho de grupo vem aí pela manhã o pessoal da tarde, daí vem uma aluna, professor não podemos fazer trabalho em casa misturar meninas e meninos, os pais proibem né, por mais amigo que seja, ou é só grupos de meninas, ou grupo só de rapaz, então os pais evitam o máximo possível essa questão, então os pais fazem o possível pra questão orientação sexual né. [...]. [...] acho que os pais fazem o possível, eu acho, não podem fazer mais por que meu Deus, meu filho tá onde com quem, realmente é difícil de controlar, as avôs meu Deus, muitas crianças ficam com as avôs, essa questão da educação o que que as avôs lá que era tudo proibido [...].(E5)

Por que hoje em dia os pais não sentam com os filhos pra tá conversando pra tá tirando as dúvidas né, geralmente o que que acontece com o adolescente ele vai tira essas dúvidas ali fora né com um colega nem sempre ele vem e pergunta pro professor né tira dúvida daquele tema por que não sei hoje tá assim as coisas estão tão avançando tão rápido essas tecnologias essa globalização e tudo isso já tá eu acho que tá se distorcendo algumas questões eu acredito. (E6)

Tem muitos caso que os pais são separado, os filho fica só com o pai ou só com a mãe não tem uma orientação e os pais não tão muito preocupado com os filhos não só questão sexual mas na questão da educação [...]tem vários pais desse tipo, eles não analisam a forma de se vestir não percebem e outra coisa também é a corrida do dia a dia trabalho então as vezes não tão muito participativo não veem os filhos o jeito que se vestem em casa os filhos se vestem de uma maneira e daí trazem uma roupa de outra forma e se trocam aqui então, já teve caso. [...] Daria pra fazer um encontro com os pais né pode ser no colégio e fala também dessa orientação né, orienta os pais, que tem pais também que não são orientados né vivem num mundo diferente então não.(E7)

Eu vejo assim que em casa falta muito, eu acho que eles não tem orientação, muitas vezes quando o pai se depara quando vai vê o filho né já já tá né já tá sabendo mais pelos amigos pela internet do que por eles, por que eles perguntam só que eu vejo que a escola deveria ensinar mais, eu acho que poderia englobar mais, [...]. (E8)

[...] interligando com outra disciplina, mas a questão da família em si eu percebo que ainda tem muito esse conservadorismo na figura padrão familiar ainda pai, mãe e filhos [...]. (E10)

Ela é fundamental, como em tudo na vida eu acredito que a educação escolar ela é só um reflexo um complemento da educação que o aluno trás consigo do ambiente familiar e da convivência da sociedade em geral, com amigos, com trabalho com tudo mais. (E11)

Esse preparo, primeiro, é alertar os pais, alertar não digo pro que alerta parece uma coisa ruim, é conversar com os pais, ter essa relação com os pais de que tão acontecendo mudanças com o filho dele, ou com relação a tá despertando precocemente é uma sexualidade que não, que biologicamente não tá na hora ainda e geralmente a gente sabe que quando acontece isso tem uma influencia externa ou que está despertando pra uma um interesse por pessoas do mesmo gênero, converso com os pais sobre isso pra saber vai fazer o que?[...] A gente tem dois pontos assim, dois pontos não, dois tipos de família aqui na escola, a gente vê, tem famílias que são mais preocupadas, que procuram, que conversam né, e tem famílias que simplesmente reprimem, que negam que tá desenvolvendo e que tá desenvolvendo depois ou desenvolvendo antes ou tá desenvolvendo de uma forma que a família vê a influencia cultural da família, influencia religiosa, influencia de histórica mesmo da construção de cada família, então te,m família que já tem uma conversa mais aberta com seus filhos, já consegue a coisa anda e tem família que reprime e ponto ou por questão cultural da família ou por questão religiosa enfim, mas tem esses dois extremos. [...] Mas talvez tenha uma criança aqui na sala que a religião dela ou a família dela não permite que ela toque nesse assunto, e daí se eu toco no assunto falo claramente com ele, trago vídeo, trago foto, trago texto, no outro dia os pais estão aqui, que tá fazendo isso com meu filho, não eu tenho que explicar não é com teu filho é com a turma toda, um trabalho, mas vai, pode acontecer esse choque assim.(E13)

Olha é uma pergunta difícil de responde essa (risos), por que a gente não, dificilmente a gente discute esse assunto com a família, não se chama a família, pelo menos até hoje isso nunca aconteceu de ter que chamar a família em função de um problema que possa ter ocorrido que venha por causa de uma orientação sexual do aluno, até hoje nos não tivemos essas questões então não sei te dizer como a família vê isso mas com relação a escola e aluno e família nunca tivemos nenhum problema, [...] nunca discutimos o assunto nenhum referente algum aluno, é isso.(E14)

Os pais não tem um conversa aberta com os filhos, ou eles ficam sabendo através de mídias e não do próprio pai. [...]eu vejo que alguns professores trabalham com isso, não temos grandes problemas em cima disso, por que uma orientação hoje muitos pais não dão essa orientação em casa né, fica pra escola mesmo [...]. (E15)

Destaca-se que os educadores visualizaram a necessidade de chamar outros profissionais a fim de contribuírem para a orientação sexual na escola. Pois os mesmos ficariam mais à vontade e, também esse, profissional traria elementos para ilustrar, o que os educadores não tem materiais e muitas vezes não sabem responder os questionamentos dos alunos. É importante que haja palestras sobre os diversos temas que permeiam a orientação sexual, sendo estes temas abordados frequentemente nas aulas.

Chamei o pessoal do SESC, eles vieram dar uma palestra para a turma Então, daí assim, ela, essa mulher explicou, eles adoraram [...]. Daí ela veio explicou, orientou, trouxe os métodos contraceptivos, trouxe as revistas, foi bem legal, [...]. Trazer pessoas para explicar para os adolescentes, eu penso que deveria ter mais, por causa, né de todas as informações que tem, então eu penso que deveria ter mais, no sentido que eles querem saber, tantos que eles não queriam deixar a mulher ir embora aquele dia, de tanta dúvida, pensa, se fosse trabalhado né desde o início algumas questões [...]. (E1)

[...] trazer profissionais a escola[...] da área da saúde, por que não trazer um ginecologista pra conversar com as meninas, por exemplo. (E2)

[...]. Eu acho que seria interessante por que eu to na sala todo dia então vim uma pessoa de fora uma pessoa diferente até pra eles perguntar fica mais a vontade, eu acredito que seria bom, e eles estão não tem o dia que alguém não lembrem professora cadê o palestrante. [...] alguém que traga todos os métodos pra eles ver visualizar também tipo a camisinha feminina como que usa explica pra eles por que eu entendo assim por cima não sou aquela pessoa especialista né pra chega ali e explica tudo certinho o que acontece o que não acontece e eles perguntam coisas que que não, eu não sei responde as vezes, claro tu tem que buscar né claro que alguém especializado na área seria mais interessante. (E4)

Na escola seria importante sempre palestras por exemplo, de qualquer órgão que seja, até do hemosc na questão do sangue né, a questão de enfermagem da questão sexual, os cuidados, a questão da AIDS, poderia ter uma sequencia mais de orientação sexual nessas faixa que a menina brota pra sexualidade que o menino também parece ter curiosidade, no primeiro ano do ensino médio dos quatorze, [...] como a psicologia é importante né, pra todos os educadores eu acho, pra quem não teve psicologia deveria ter noções de psicologia, então os estudos que a gente vez anos atrás em vários outros cursos a gente sempre, não faculdade de psicologia, cursos de psicologia, [...] é a descoberta sexual, qual a intimidade da criança com a mãe na amamentação por exemplo, que já é um ato sexual, a intimidade com a mãe, e depois a adolescência. A psicologia ajuda muito até a entender o próprio aluno. (E5)

[...] Alguém que entendesse essa questão assim uma psicóloga , acho importante trabalha, até seria importante essa pessoa tá mais permanente na escola, por que daqui a pouco o aluno tá com um problema mais serio dai uma psicóloga iria ajudar muito.[...] questão de nos termos um psicólogo nas escolas né que hoje não só a questão sexualidade mas outras questões estão vindo para dentro da escola e os alunos estão deixando os estudos de lado pois eles estão tendo outros problemas questão tanto da sexualidade, como da questão da família no convívio, dessa relação pais e filhos que pra nos professor é bem complicado isso. (E6)

[...] Olha alguém sei que o pessoal trabalha na secretaria da saúde tem uma equipe de pessoal que vai nos colégio e passa algumas orientações, como utilizar o preservativo, as doenças né transmissíveis seria uma maneira de passar mais orientações. (E7)

Eu acho assim que também poderia ter vir pessoas né palestras pessoas mais habilitadas né da área pra responde [...] Eu acho que até pessoas que trabalham com isso na saúde né da própria das saúde médicos psicólogas né pra tirar essas dúvidas[...]. (E8)

Alguém da área da saúde né , alguém da área da saúde, enfermagem, assistente social, bióloga. [...] ajudando sanando as dúvidas desses dessa gurizada que eles tem muita dúvida eles tem eles querem saber principalmente os oitavos anos eles procuram eles tem dúvidas eles tem curiosidade anos passado eles trouxeram um palestrante ele é formado na área da farmácia e ele ficou 3 aulas com 2 turmas de oitavas eles fizeram tantas perguntas eles gostaram tanto de tudo que ele esclareceu é um profissional aqui de Chapecó e eles gostaram muito esse ano eu tentei de novo e ele não pode vir né então assim foi interessante eles gostaram e até então esse ano eu não consegui ninguém dessa área pra tá falando com eles els tem dúvidas eles tem curiosidades, tanto que eles já fizeram as perguntas estão na caixinha a 3 meses e não tem palestrante nessa área pelo menos não descobri nenhum. (E9)

Acho que não to muito bem preparado mas teria que ir atrás se precisar tem que ir atrás. [...] É até mesmo pra evitar qualquer forma de discriminação ou fato de agressão física tudo mundo tem violência né, a questão da respeito e aceitação, talvez eles tiveram umas palestras já aqui na escola até os professores da área da biologia falam muito disso né aqui de humanas também quanto a aceitação. (E12)

Além de ter pessoas de área especifica que podem trabalhar com eles aqui na escola. (E13)

O educadores, ao trabalharem com a orientação sexual, procuraram buscar suporte em colegas de trabalho, que ministram as disciplinas de ciências e biologia. Muitos educadores veem que a disciplina de biologia é a única que se deveria trabalhar a orientação sexual, mesmo sendo um tema transversal.

No entanto, afirmavam que a aborda sobre a orientação sexual em sala de aula seria um ganho, tanto para o educador quanto para o educando, pois o educador estaria se capacitando para trabalhar esse tema e não deixaria somente para as demais disciplinas abarcarem temas sobre a saúde.

Por que tem coisa que eu não domino, eu não estudei ciência, eu não estudei biologia, então eu procurei muito a orientação da professora também, de biologia.(E1)

A professora de biologia que trabalha, eu sei que elas fazem, tem com a coordenação da escola também as meninas estão sempre trabalhando, mas não é um trabalho que eu acompanho. (E2)

[...] é um tema transversal mas querendo ou não sempre acaba sobrando pra ciência e pra biologia. (E4)

[...] então são temas que posso abordar lá na disciplina de português, posso abordar na disciplina de biologia, que tu pode intercalar isso então veio do da ideia lá das propostas curriculares né, que na , que muitas vezes em outros espaços tu não consegue ver essa ligação ou essa dinamicidade com outras disciplinas. [...]. (E10)

[...] talvez sim vou trabalhar em biologia como trabalhei em sociologia, mas não foi uma atividade planejada juntos, mas eu acho assim se fosse pensado de vários projetos que tem, de varias atividades de vários temas que a gente tem trabalhado junto não seria difícil, entende? Quem sabe faltou uma oportunidade de conciliar ou de aproveitar os dois as duas temáticas sabe, a escola é bem aberta, os professores são abertos pra isso, as vezes a gente encontra uma realidade um pouco de rejeição disso, não é só minha disciplina e deu, trabalho faço minha avaliação e minha aula e deu. Aqui tem um pouquinho dessa abertura sim, e trabalho conjunto e tudo mais. (E10)

Olha por eu não tá atuando em ciência que também é minha área então eu to trabalhando menos em cima disso, mas no tempo que eu trabalhei ciências eu trabalha bastante até por ser ensino fundamental, e hoje a gente tá precisando bastante orienta os nossos alunos da questão da sexualidade, por que tá surgindo cada vez mais cedo, tá aflorando mais cedo, e a gente tem grandes problemas com isso. (E15)

Os educadores apontaram como desenvolvem o tema da orientação sexual em sala de aula e as ferramentas que contribuíram satisfatoriamente para sua execução.

[...]você pode mostrar a questão de vídeos, de relatos de outras pessoas o que já aconteceu, experiências de vida. [...] Acho que pra elas [alunas] seria mais palestras, explicar o que pode, o que acontece de uma relação sexual precoce, de não tomar os devidos cuidados. (E2)

Assim depende da curiosidade da turma primeiramente eu levantaria assim a ideia eles fariam perguntas numa caixinha e depois eu leria as perguntas e iria a trás para tentar responde e depois ir sanando com outras com recursos tecnológicos com teorias com convivências exemplos né [...]. (E9)

Olha, na realidade você depende de turma, depende de idade deles pra que você possa selecionar digamos as atividades, os conteúdos daqui a pouco até filmes que você possa trabalhar com eles pra daí discutir toda a situação da orientação sexual, materiais digamos hoje existe que possa auxiliar a gente né, a dizer acho que aquele filme resol veria a questão de conhecer situações que acontecem mas quando tu tá na sala de aula é que tu percebe qual é o melhor? a melhor atividade, melhor forma de trabalha pro aluno, esconde não dá, pior atitude né, então tudo que vier a contribuir para o desenvolvimento do trabalho acho que tem que ser utilizado. (E14)

Nesta categoria fica evidente que os educadores se sentem despreparados para abordar o tema orientação na escola e por vezes não a trabalham por medo, por estarem acomodados e por não dominarem esse tema.

5 DISCUSSÃO

As duas categorias analíticas apontavam que o educador vislumbra o tema da orientação sexual como construção social de gênero e como um solo que nunca pisaram. Quando se referem à construção social de gênero refletem a necessidade de se ampliar o olhar para além da identidade sexual e dos aspectos que envolvem o corporeidade.

Dessa maneira, pôde-se constatar que os mesmos perceberam que a orientação sexual, muitas vezes, é tida pelas questões de gênero relacionadas ao homem, a mulher e ao homossexual, o que auxilia no enfoque preventivo das ações que são desenvolvidas na escola. Percebe-se que é necessário ampliar a concepção para o conceito da diversidade sexual.

Assim, entende-se, que a expressão diversidade sexual, significa diferente ou diverso, da multiplicidade e singularidade, na qual estamos inseridos na diversidade de expressões de gênero e sexualidade que faz parte do ser humano, mas no cotidiano essa expressão é adotada por muitas pessoas como sendo não heterossexual, ou seja, pessoas que não seguem a mesma linha de sexo-gênero-sexualidade (NARDI, 2012). Já gênero engloba todas as várias formas da construção implicadas com processos de diferenciar mulheres de homens, e também privilegia os processos de construções biológicas, comportamentais e psíquicas percebidas entre homens e mulheres (NOGUEIRA, 2010).

Partindo do pressuposto que os educadores vislumbra o tema transversal da orientação sexual trabalhado nas escolas como diversidade sexual e gênero, conforme Avila, Toneli, Andalo (2011) pôde-se verificar que vários educadores não abordam as diversas e complexas faces da sexualidade e das performances de gênero, muitas vezes por que não as conhecem, por medo de incitarem o despertar da sexualidade e, também, por julgarem que este assunto deveria ser tratado pela família ou então por um professor especialista, por isso esse tema, em diversas vezes, é evitado ao máximo ser abordado em sala de aula.

Segundo Nothft et al (2014, p. 288), para muitos educadores, a melhor estratégia é ficar em silêncio, ou seja, não abordar esse tema com os adolescentes. Esse silêncio remete à insegurança quanto à condução desses questionamentos, podendo ser visto como estratégia para manter o controle da situação e, servindo para não expor o educador a situações constrangedoras. Como Jesus, Souza, Silva (2013, p. 2) afirmam que o tema da orientação sexual, juntamente com a diversidade sexual e gênero, só é colocado em pauta quando vem acompanhado de situações que ocasionam conflitos e tensões, como a exemplo do estudo, as vestimentas utilizadas pelas meninas no verão.

Conforme Nothft et al (2014, p. 287) Muitos educadores relacionam suas concepções de adolescência às alterações corporais observadas nessa etapa do ciclo vital, relacionando o corpo como uma expressão da sexualidade entende que por meio dele ocorrem às manifestações de prazer, emoções, sentimentos e fantasias. Para o mesmo Nothft et al (2014, p. 287), o desabrochar do corpo na adolescência marcam não somente a maturação física, mas também os aspectos relacionados à construção da sexualidade e que por meio dele que o adolescente se aproxima, incorpora, adapta ao grupo e expressa sua sexualidade.

No entanto, Torres (2012) diz que os educadores têm visões estereotipadas dos seus alunos, pautadas em um referencial de heteronormatividade, já o homossexual é tido como algo que não é normal, não é o correto. Para o autor citado anteriormente os educadores em vários momentos se mostram perplexos, desafiados por questões que até pouco tempo atrás tinham respostas seguras e estáveis.

Para Junqueira (2010, p. 211), a sociedade impõe um padrão a ser valorizado que é ser homem, heterossexual e branco e, quem não se enquadra nesse estereótipo sofre com preconceito, rótulos, violência, desprezo. Para Santos; Souza (2013) frequentemente, essas atitudes acontecem dentro do cotidiano escolar. A homossexualidade é silenciada, negada e, muitas vezes, vigiada pelos educadores quando se foge do padrão social estabelecido.

Isso passa a acontecer conforme Freitas; Santos (2013) por que os educadores têm seus valores construídos ao longo de suas vidas, ou seja, esses educadores, para Dinis; Cavalcanti (2008) já estão imbuídos com uma carga de valores, conhecimentos, contextos que muitas vezes são limitados. Para Barros; Ribeiro (2012, p. 169) a orientação sexual é discutida pelo viés de atuar no controle dos corpos, tendo como propósito agir diretamente na conduta dos indivíduos, ou seja, o educador passou a geri-lo, a regula-lo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.

Corroborando com os dados do presente estudo, a família, conforme Dantas et al (2010, p. 14) é incapaz de abordar a orientação sexual com os adolescentes, seja por despreparo, pudor, tabu, medo de estarem incentivando a pratica sexual precoce e também acreditarem que eles são muito jovens para falar sobre esse assunto, por isso esses jovens estão mais vulneráveis a agravos como doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e de uma gravidez precoce. Por fim, essa discussão é delegada a ser realizada pelos educadores ou por profissionais da saúde, que por vezes não se sentem preparado, o suficiente para desempenhar esse papel.

De acordo com Gonçalves; Faleiro; Malafaia (2013, p. 258) diz que os pais devem estar cientes de que é importante que a escola trabalhe a orientação sexual dos seus filhos, já que a mesma é instituição social que tem o objetivo de possibilitar a construção de diversos conhecimentos sobre a vida. Porém, a família não deve apenas delegar essa função para a escola, pois é importante que a orientação sexual venha primeiramente do seio familiar, dado que a escola irá complementar as carências e dificuldades que a família tem em abordar esse tema, ou seja, é importante que se tenha uma parceria entre os pais e a escola ao abordarem a orientação sexual, só assim terá bons resultados com essa orientação.

No entanto para Santos; Rubio. (2013) ao trabalhar a temática de orientação sexual, é de extrema importância que haja uma conversa anterior com os pais, para que estes possam saber o que vai ser abordado e esclarecer suas dúvidas do que irá ser desenvolvido, para assim terem a certeza de que seu filho receberá uma orientação para sanar dúvidas e ajudá-lo a entender a sexualidade de uma maneira mais clara.

Tanto os pais quanto os educadores têm dificuldades em conversar com os adolescentes sobre orientação sexual, não permitindo que eles tenham uma fonte segura para esclarecimento de seus questionamentos. Para que essas dúvidas sejam amenizadas os jovens buscam resposta nos meios de comunicação, sociedade e círculo de amigos que representam outros espaços de informação sobre diversos assuntos, mas que nem sempre trazem informações corretas e confiáveis (BASTOS et al, 2010).

Conforme Conti; Bertolin; Peres (2010) os meios de comunicação são influências que vão além de mera fonte básica de lazer, mas sim de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de diversos valores, concepções, representações relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos e o que devemos fazer com o nosso corpo que exerce uma grande influencia nos adolescentes.

Para Bastos et al (2010) os meios de comunicação devem ser levados em consideração como influências a estimular a sexualidade, pois é por meio destes os adolescentes têm acesso rápido a informações, que se difundem como formas agressivas e hiperestimulante de marketing, gerando dúvidas e desconforto sobre temas como virgindade, fidelidade, namoro, casamento, entre outros. Por isso o educador tem que orientar e fazer refletir de forma crítica e questionadora estas questões que são disseminadas pelos vários meios de comunicação, buscando evitar que os adolescentes se tornem pessoas com valores e condutas orientadas exclusivamente pelo mercado, num comportamento vulgarizado e socialmente inconveniente.

Os educadores veem a mídia como fontes poderosas de uma informação muitas vezes errônea, pois trás o erotismo, a nudez, o sexo e a violência até mesmo nos horários em que as crianças assistem com total liberdade, crianças e jovens que se encontram na fase de formação dos valores, conceitos, modelos de conduta e comportamento sexual. A TV, o rádio e a internet por serem redes de informações para todas as pessoas de diferentes idades, acabam atraindo a atenção dos jovens, e estes por pura curiosidade e pela facilidade de ver determinado assunto, recebe diversas informações que não cabem à sua idade e o pior, o que é mostrado muitas vezes é armazenado em sua cabeça, criando confusões e distorcendo a verdade. (SANTOS; Rubio 2013)

Uma proposta de educação sexual, em nível escolar, torna-se indispensável, pois abre caminho para jovens e crianças ampliarem a educação recebida anteriormente. No cenário familiar, normalmente, as informações estão repletas de preconceitos e moralidade, não respondendo às dúvidas desses educandos que acabam, muitas vezes, procurando respostas na mídia (que erotiza e banaliza a sexualidade) ou com amigos que apresentam as mesmas inquietações. (CARPILOVSKY et al, 2010)

Em 1996 foram implantados os Parâmetros curriculares Nacionais, nos quais a orientação sexual é estabelecida como um tema transversal na qual todos os educadores devem abordá-lo em sala de aula (NARDI, 2012). Porém como diz Nogueira (2010) os educadores tem dificuldades em abordarem o tema orientação sexual, e esse despreparo começam a ser percebido desde as instituições de ensino superior na qual não disponibiliza uma formação adequada para trabalhar o tema, ou como é relatado pelo Gesser et al(2012) muitas vezes nem menção se faz do tema na estrutura curricular do curso superior. Dessa maneira, conforme o mesmo autor acima citado aponta que os docentes formadores de professores somente abordam o tema orientação sexual quando há manifestação da parte dos alunos a qual é abordada na perspectiva próxima ao senso comum, de forma pontual e não continuada. Por causa desse despreparo vindo desde o ensino superior os educadores muitas vezes desconsideram questões que surgem no cotidiano escolar, ou seja, deixam de abordar esse tema tão relevante os adolescentes

Zagury (2006) aponta que o tema da orientação sexual deve fazer parte do currículo para formar educadores de qualidade, os quais consigam não somente trabalhar o conteúdo restrito a sua matéria e sim temas da atualidade, trazendo para a sala de aula fatos e vivencias que não estão vinculadas a disciplina, mas que são extremamente importantes serem

trabalhadas com os alunos. É importante que esse currículo seja dinâmico e tenha transformações contínuas.

Para Nardi (2012) a dificuldade encontrada pelos educadores em trabalhar a orientação sexual advém da ausência de formação específica, carga horária elevada, pois muitos educadores trabalham em mais de uma escola, falta de materiais didáticos e estrutura, dificuldade de aceitação dos demais educadores em trabalhar o tema interdisciplinarmente, por desinteresse, receio de abordar esse assunto com adolescentes e não saber o que orientar. Por isso a orientação sexual é somente abordada de forma pontual (NARDI, 2012).

Nothft et al (2014) mostra que para que a orientação sexual seja abordada de forma plena é preciso pensar na formação continuada dos educadores, já que é um tema que demanda constante busca de conhecimento.

Para Barcelos; Jacobucci (2011) os educadores são peças chave na orientação sexual sendo necessário que participem de um processo amplo e aprofundado de formação. Tanto de conteúdos quanto de metodologia para permitir que os jovens tenham uma melhor orientação sobre os mitos que envolvem as questões sexuais, informações na perspectiva do conhecimento científico e reconstrução dos saberes que a sociedade, mídia e família imprimiram nesses adolescentes.

Por isso Maistro; Arruda; Júnior (2009) menciona que a formação de educadores é importante para superar o senso comum, onde se possa aprofundar e buscar conhecimentos básicos e suficientes sobre orientação sexual para então definir objetivos, conteúdos e metodologias para abordar esse assunto em sala de aula e também para desenvolverem a sensibilidade e enfrentar os principais problemas que permeiam os alunos e contribuir para o mesmo com uma visão positiva e responsável da sua própria sexualidade. Essas capacitações devem estar centradas na busca de orientações, trocas de experiências constantes entre profissionais de segmentos diferentes para que se possa ter uma visão geral de como a orientação sexual possa ser desenvolvida dentro da sala de aula.

Para Rosistolato (2009) existe um consenso que há necessidade de capacitar os educadores para o trabalho com orientação sexual na escola. Por que capacitar não é meramente fornecer informações sobre a sexualidade humana, mas sim é um amplo processo de formação que busca educar o corpo, o intelecto e as emoções dos educadores para que eles possam fazer igualmente com os alunos. Essa formação deve envolver profissionais das mais diversas áreas como a medicina, sexologia, história e pedagogia, porém não pode ser oferecida por qualquer profissional. Por isso, acredita-se que as escolas devam acrescentar em

seu projeto político pedagógico temáticas relacionadas à orientação sexual para que seja trabalhado regularmente em sala de aula (FREITAS, 2014).

Conforme Maistro; Arruda; Júnior (2009) muitas escolas buscam apoio em psicólogos ou outros profissionais para dar palestras, mas sabe-se que a eficácia desse trabalho é limitada, já que não se dá sequência e também por que o profissional não conhece a realidade dos jovens.

Nothft et al (2014) também vê como outra perspectiva para trabalhar o tema orientação sexual seria a inserção de profissionais da área da saúde na escola, como por exemplo, o enfermeiro, que poderia atuar na educação em saúde com os adolescentes e estendidas as suas famílias e também para auxiliar os educadores ao abordarem o tema em sala de aula. Nogueira (2010) sugere ainda que haja a promoção de palestras com a parceria de profissionais devidamente capacitados, para que esse tema não seja meramente para cumprir um trabalho imposto e abordado de maneira incorreta.

Com a implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) trás em seu conteúdo a orientação sexual como tema transversal que deve ser abordado em todas as disciplinas, não ficando somente a cargo exclusivo dos professores de ciências e biologia, e tem como propósito informar e esclarecer os alunos sobre as diferentes abordagens da sexualidade e também os mesmo desta forma estarão em constante contato com o tema e não precisarão esperar que o assunto seja abordado em uma aula de biologia.(CARPILOVSKY et al, 2010). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram instituídos para assegurar que a orientação sexual seja trabalhada como tema transversal nas mais diversas áreas de conhecimento, quais sejam, história, física, filosofia, dentre outras (LIRA; ZOFILI, 2010).

Visto que os educadores tem certa resistência e manifestam que sentem-se despreparados ao trabalhar com o tema da orientação sexual em sala de aula, muitos deles tentam se eximir dessa tarefa e deixam como responsáveis os professores de ciências/biologia em abordar essa temática (NOGUEIRA, 2010). Para Bastos et al (2010) é importante que se ensine sobre anatomia e órgão sexuais que estão dentro do currículo de ciências/biologia, porém a orientação sexual vai muito mais além dos aspectos biológicos e fisiológicos e sim essa orientação deve sanar as curiosidades, ansiedade e necessidades dos alunos, fazendo com que esse adolescente tenha um pensamento crítico sobre a sua sexualidade nas dimensões culturais, afetivas e sociais.

Para Santos; Rubio. (2013) a banalização da sexualidade dificulta a tarefa de educar, de associar sexo ao afeto, responsabilidade e promoção da saúde. Zagury (2006) mostra que

se o educador não trabalhar a orientação sexual de forma a atrair os adolescentes para repensar a liberdade e consequências, pode se tornar em uma fonte de conflito entre professor-alunos-escola-família.

Santos; Rubio (2013) dizem que o educador para abordar essa temática não deve se prender somente ao que a escola disponibiliza e sim ir além, buscar meios, como livros, revistas, sites, especialistas no assunto e se manter sempre informado, pois as dúvidas dos jovens podem surgir a qualquer momento e o educador deve estar preparado para tudo, pois nunca pode prever o que os alunos vão perguntar. O educador deve estar sempre atualizado, pois os meios de comunicação estão a toda hora trazendo informações de todo mundo.

Com a implantação do tema orientação sexual no currículo escolar, o Rodrigues; Galdino; Freitas (2012) mostra que há uma escassez pelo MEC na elaboração de materiais didáticos para auxiliar os educadores a abordar esse tema em sala de aula. Para Diniz; Darido (2012) é importante que os diversos recursos didáticos utilizados venham a complementar o espaço de ensino aprendido de maneira construtiva e enriquecedora, estimulando nos adolescentes a criatividade e garantindo a autonomia e base do educador em trabalhar a orientação sexual.

Então como Moreira; Folmer (2011) dizem tem que se pensar em alternativas para abordar o tema orientação sexual na escola, mas para que isso aconteça é importante se estabelecer parcerias entre a escola, família e os profissionais da saúde para amparar o adolescente nas transformações do corpo, emocionais e sociais. Para que esse trabalho seja bem desenvolvido também tem que se criar um clima de respeito e confiança mútua.

Percebe-se que nas escolas os conteúdos a serem discutidos são divididos nas diversas áreas do saber onde somente os profissionais especializados discute-os, mas para os PCN não se deve criar novas disciplinas para discutir tais temáticas, mas sim devem elas estar permeando as discussões em todos os campos de conhecimento. (BARROS; RIBEIRO, 2012).

Conforme os autores anteriormente citados que os educadores ao trabalharem o tema transversal orientação sexual em sala de aula muitas vezes se deparam com pré conceitos, medos, valores dos mesmos e isso influencia de alguma forma a transmissão do conhecimento aos adolescentes seja positivamente quando o educador se sente a vontade em trabalhar esse assunto e o faz no cotidiano escolar, ou negativamente quando não o aborda na sala de aula deixando os adolescentes a mercê de informações muitas vezes falhas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo o qual teve por objetivo identificar a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual, na escola, foram definidas duas categorias analíticas, sendo elas: percepção da orientação sexual na escola como construção social de gênero e percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram.

Na primeira categoria analítica pôde-se perceber que ao serem indagados sobre o tema orientação sexual, os educadores a identificaram como questão de gênero e quanto à valorização do corpo. A diversidade sexual é pensada por meio do enfoque biológico. Na segunda categoria analítica, percebeu-se que os educadores se sentem despreparados e possuem dificuldade para abordar a orientação sexual em sala de aula. Esse despreparo, conforme os educadores é visto pela falta de preparo na graduação, carência de capacitações, ausência de interdisciplinaridade e pouco envolvimento da família ao trabalhar esse tema em casa.

Diante disso, salienta-se que a escola é o espaço onde busca-se formar o indivíduo por inteiro, sem preconceitos e sem tabus. Para que isto ocorra, faz-se necessário que o educador possa ter uma formação qualificada, que possibilite a construção de novos conhecimentos, consiga trabalhar abertamente esse tema com os alunos nas diversas situações cotidianas que possam surgir no contexto escolar, e que essa formação não se limite à graduação. Ainda, destaca-se que estas qualificações possuam sensibilizações frequentes, pois a orientação sexual deve ser abordada no dia a dia da escola e o educador buscar apreender como trabalhá-la com seus educandos.

Uma estratégia que poderá contribuir para que o tema da orientação sexual seja perpassado interdisciplinarmente na escola seria o envolvimento da família com a comunidade escolar. Algumas iniciativas podem ser tomadas para tornar a orientação sexual mais eficiente nas escolas, como projetos que envolvam a família, que muitas vezes não está preparada para dialogar sobre a sexualidade e, assim, possibilitar o acesso da família na escola por meio de atividades conjuntas que favoreçam o diálogo entre educandos e educadores, Assim, ambos terão possibilidade de acompanhar, agregar e desmitificar conhecimentos sobre a orientação sexual.

Pensa-se, também, em estratégias no ensino, na pesquisa e na extensão. No ensino, a Enfermagem poderá trabalhar para a incorporação da construção de novos conhecimentos por meio de sensibilizações que auxiliem o educador a promover a construção na sua atuação

frente aos seus educandos e à sociedade, partindo de reflexões e discussões acerca da orientação sexual e não trabalhando somente sob o enfoque biológico, a qual é prevista pelo PCNs.

Na pesquisa, a construção de parcerias entre enfermeiros e educadores presentes no cotidiano escolar, vendo que o Enfermeiro tem um amplo espaço para trabalhar com esse tema, seja com o adolescente, ou então com os educadores que muitas vezes se sentem inseguros ao trabalhar a orientação sexual na escola.

Na extensão, permitir espaços em que a Enfermagem possa desenvolver em conjunto com os educadores, propostas para trabalhar a orientação sexual de forma dinâmica, coletiva, bem como buscar a interação entre escola-família-comunidade-instituições de saúde, pois a família é a base da educação e é nela que deve ser centrada as maiores intervenções para que a orientação sexual seja efetiva e positiva.

As facilidades encontradas ao trabalhar com os educadores foi que eles foram abertos e receptivos quando indagados a participarem da pesquisa, e por trabalharem com o público jovem têm facilidade em expor o que pensam. Porém, quando questionados quanto ao tema orientação sexual, muitos ficaram envergonhados, e havia pausas nas falas, mas que não impediram a continuidade da entrevista.

Tendo em vista que os educadores apresentam dificuldades e constrangimentos ao abordarem a orientação sexual, mostrando ser um limite a ser vencido pelos mesmos, vemos a possibilidade de a Enfermagem, por meio do seu olhar holístico, reflexivo e crítico, estar auxiliando a escola, educadores e família nesse processo de orientação sexual, seja na forma de capacitações, sensibilizações, conversas, debates, dinâmicas e, também, abrindo espaço nos serviços de saúde para que a equipe multiprofissional se insira na escola ou, então, que a escola, educador, família e adolescente busque o serviço de saúde para além das suas necessidades individuais.

Em vista disso, pensando na necessidade da construção do conhecimento e a fim de oportunizar uma parceria entre a escola, a família e a com o profissional Enfermeiro, vislumbrou-se a possibilidade em dar continuidade a pesquisa com a família dos adolescentes, com o objetivo de buscar maneiras de como auxiliar a família abordar esse assunto em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE et al. Advocacia em saúde na atenção à criança: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.64, n.4, p. 738-44, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a17v64n4.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2014.
- AQUINO, C. ;MARTELLI, A. C. Escola e educação sexual: uma relação necessária. In: **IX ANPED SUL seminário de pesquisa em educação da região sul**.2012.Disponível em:<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1105/800>> . Acessado em 13 de maio 2014.
- AVILA, A. H; TONELI, M. J. F; ANDALO, C. S. de A.Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicologia em. estudo**. v. 16, n.2, p. 289-298, 2011.
- BARCELOS, N.N.S; JACOBUCCI, D.F.C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARROS, S.da C; RIBEIRO, P.R.C. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 11, n. 1, p.164-187.2012.
- BASTOS, V.C. et al. Educação sexual com mitos e verdades da sexualidade.In: Seminários de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL.2010.Disponível em:http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_e_Genero/Trabalho/07_37_34_EDUCACAO_SEXUAL_COM_MITOS_E_VERDADES_DA_SEXUALIDADE.PDF. Acesso em 13 nov.2014.
- BESERRA, E. P. ; ALVES, M. D. S. **Acta Paul. Enferm.** vol.25, no.5, São Paulo. 2012 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000500004> . Acessado em 23 de maio 2014.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 2 março 2014.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**.Pluralidade cultural e orientação sexual-Temas transversais.v10.Brasília(DF):1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Publicada resolução 466 do CNS que trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 12 dez. 2012. Seção 1, p.59.
- BRETAS, J. R. da S. et al.Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência saúde coletiva**. vol.16, n.7.2011.Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v16n7/21.pdf>> . Acessado em 10 de maio 2014.

BRUM, C. N. **Compreensão das facilidades e dificuldades no processo de educação em saúde: uma perspectiva do professor na escola em tempos de aids.** Monografia de Conclusão de Curso. 2007. Universidade Federal de Santa Maria.

BRUM, C. N.; ZUGE, S. S.; BRUM, A. A.; CARVALHO, L. C. educação preventiva com deficientes auditivos: desafio para profissionais da saúde e educação. **REAS**. v. 2, n. 02, 2013. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/470/411>>. Acesso em: 31 maio 2014.

BRUM, C.N; LIMA,M.P; CARMO, M.L.C; ZUGE,S.S. Assistência de Enfermagem: uma reflexão pautada na promoção e na educação em saúde.**Revista de Enfermagem UFPE**.v.4, n. 1, p. 429-35, 2010.

CARPILOVSKY, C.K. et al. Educação fundamental: ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública. **VIDYA**. Santa Maria.v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010.

CONTI, M.A; BERTOLIN, M.N.T; PERES, S.V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**. n.15,n.4, p.2095-2103, 2010

CUBA, M. A. Educação Ambiental nas Escolas.**Educação, Cultura e Comunicação**.v. 1, n. 2, p. 23-31, jul./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/eccom/article/viewFile/403/259>> . Acessado em 15 de maio 2014.

DANTAS, T.M. et al. Educação em saúde como ferramenta na saúde sexual do adolescente. **Cadernos de Cultura e Ciências**.v. 1, n. 2, 2010.

DEMO, P. **Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DINIS, N.F; CAVALCANTI, R.F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2. - maio/ago. 2008

DINIZ, I.K.dos S; DARIDO, S. C. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz: rev. educ. fis**. v.18, n.1, p. 176-185, 2012.

FONSECA, A. D. da; GOMES, V. L. de O; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Esc. Anna Nery**.v.14, n.2, p. 330-337 2010.

FONTANELLA, B. J. B. ; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**. V.24, n.1.2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 30º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, J.C.R de. jovens grávidas na educação física escolar: a quem compete ensinar? In: V EPEPE - ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO. 2014

FREITAS, J.G. de O; SANTOS, P.dos S. Escola, homossexualidade, homofobia: escrevendo uma nova história...In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10. 16 a 20 de setembro de 2013.

GESSER, M. et al. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicol. Esc. Educ.**v.16, n.2, p. 229-236, 2012.

GIL, A.; C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Ed Atlas, 2010.

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J.H; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, 2013.

JESUS, C. C; SOUZA,E. de J; SILVA, J.P. violência e preconceito: concepções de educadores/as da disciplina de história sobre homossexualidade. In: ANAIS DO VI FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES E II CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE. 28 a 30 de novembro de 2013 UFS–Itabaiana/SE, Brasil.

JUNQUEIRA, R.D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do currículo**, v.2, n.2, p.208-230, Setembro de 2009 a Março de 2010.

LIRA, A; ZOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos pcn e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**, v.3, n. 1, p. 22-41, abril, 2010.

LOPES, G. T. et al. O enfermeiro no ensino fundamental: desafios na prevenção ao consumo de álcool. **Esc Anna Nery Rev Enferm.** v.11 nº.4. 712 – 6.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n4/v11n4a25.pdf>>. Acessado em 22 de maio 2014.

MADUREIRA, L. ;MARQUES I. R. ; JARDIM, D. P. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**. v. 15, n. 1, jan/mar, 2010.

MAISTRO, V.I. de A; ARRUDA, S. de M; JÚNIOR, A.L. O papel do professor em um projeto de educação sexual. In: VII ENPEC. Florianópolis. 8 de novembro de 2009.

MENEZES, L. N. ; MENEZES, E. C. A.LUDWIG, K. M. Proposta de abordagem sobre educação sexual: o uso do filme “qualquer gato vira-lata. **Revista Augustus**.v. 18, n. 35, 2013. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/238/270>> . Acesso em 12 maio 2014.

MENEZES, R. dos S. ;SANTOS, T. de J. Visão de docentes sobre ‘orientação sexual’. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. 20 a 22 de setembro de 2012. São Cristovão – SE Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo_04/PDF/16.pdf>. Acessado em 12 de maio 2014.

MOREIRA, B.L.da R; FOLMER, V. educação sexual na escola: construção e aplicação de material de apoio. **Experiências em Ensino de Ciências**. V.6, n.2, p. 151-160, 2011.

NARDI,H.C. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**. n.11,p. 59-87,ago,2012.

NOGUEIRA, D.M. Gênero e sexualidade na educação.In: ANAIS DO I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 24 e 25 de junho de 2010.

NOTHFT, S. C. dos S. et al. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. v. 18, n.2, p.284-289, abr.-jun, 2014.

OLIVEIRA, M. de ;MAIO, E. R. Formação de professores/as para abordagem da educação sexual na escola. **Espaço Plural**..n. 26, p. 45-5, 2012.

OLIVEIRA,L. da C. ; LIMA, J. O. ; PAGAN, A. A. Uso de sequência didática para discutir sexualidade nas escolas. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. 20 a 22 de setembro de 2012. São Cristóvão – SE Disponível em: < http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo_14/PDF/16.pdf>. Acessado em: 18 de maio 2014.

PADOIM, S.M.M. O cotidiano da mulher com HIV/aids diante da (im)possibilidade de amamentar: um estudo na perspectiva heideggeriana. Rio de Janeiro: **Escola de Enfermagem Anna Nery**. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2006.

RASCHE, A. S. ;SANTOS, M. da S. S. dos.Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.66, n. 4, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000400022&script=sci_arttext >. Acessado em 16 de maio 2014.

REIS, V. L. dos; MAIA, A. C. B. Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 41, p. 188 – 207, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2099/1937>>. Acessado em 14 de maio 2014.

RODRIGUES, A. de A; GALDINO, P.G; FREITAS, P.F.C.P. de. Orientação sexual: percepções de alunos sobre a sexualidade e a orientação sexual escolar. **Revista Tema**. v.13 ,n.18, Janeiro/Junho, 2012.

ROSISTOLATO, R.P da R. Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da autoestima. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 90, n. 225, p. 367-384, maio/ago, 2009.

RUFINO, C.B. et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Rev. Eletr. Enf.**v.15, n. 4, p. 983-91,2013.

SANTOS, F.F; SOUZA,M.L de. Diversidade sexual e de gênero: discursos e ações na escola. In: V EREBIO – NE. 20 a 23 de agosto de 2013. Disponível em:<<http://www.sbenbio.org.br/verebione/docs/29.pdf>>Acessado em: 18 de nov. 2014.

SANTOS, I.A; RUBIO, J.de A.S. A Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Possibilidades e Desafios. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v. 4, n. 1, 2013.

SOUZA et al. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio da pesquisa-ação. **Ciência Cuidado e Saúde**. Jan/Mar. v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/issue/view/438>> . Acessado em 14 de maio 2014.

SOUZA, M. E. K. F. de; CRISOSTIMO, A. L. O corpo e a sexualidade como enfoque interdisciplinar na formação continuada de professores. ANAIS DA SIEPE – SEMANA DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. 26 a 30 de outubro de 2009. Disponível em:< http://anais.unicentro.br/siepe/2009/pdf/resumo_262.pdf >.Acessado em 18 de maio 2014.

TORRES, V.L. homossexualidade e ambiente escolar: a teoria queer como proposta para formação inicial e continuada de professores. **Cadernos de História. Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**. v. 1, n. 2, 2º sem, 2012. Disponível em:<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/4715/3/p5.pdf>> Acessado em 14 de nov. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª ed. São Paulo: Edit Atlas, 1987.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**. v.39, n. 3, .p. 507-514, Junho, 2005.

UNBEHAUM, S. ; CAVASIN, S. ; GAVA, T. Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia. DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS. 23 a 26 de agosto de 2010.Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278171100_ARQUIVO_Gen_Sex_Curric_Ped_ST19_FG9.pdf> . Acessado em 13 de maio 2014.

VERAS, R. da S.; FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educação revista**. Curitiba, n.38, Set/Dez, 2010.

ZAGURY, T. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Protocolo do estudo de revisão narrativa da literatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

Tema: temas transversais nas escolas (PCN)

Temática: orientação sexual

Pergunta de pesquisa: quais são as facilidades e/ou dificuldades dos professores quanto a desenvolverem o tema transversal sobre orientação sexual.

Objetivo da pesquisa: identificar as facilidades e/ou dificuldades dos educadores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola.

Descritores: docente or educador or professor and educação sexual or sexualidade.

Crítérios de inclusão: artigos que respondessem a questão de pesquisa; que apresentassem resumo na base de dados; artigos de pesquisa original que estivessem disponíveis na íntegra *online* e gratuito; nos idiomas português, inglês ou espanhol.

Crítérios de exclusão: teses, capítulos de teses; dissertações; capítulos de dissertações; monografias, capítulos de monografias; manuais ministeriais, relatórios técnicos e anais de eventos.

Bases: Scielo, Lilacs, Medline, Adolec.

Coleta de dados: ficha de análise documental (autores, título, ano de publicação, país, sujeitos do estudo, procedência, objetivo, abordagem metodológica, método, principais resultados e recomendações do estudo)

Como será a análise: realizada transposição dos resultados e posterior leitura, codificação cromática nos achados fichados.

Como serão apresentados os dados: quadros, figuras, frequência relativa e absoluta

APÊNDICE B - Ilustração da estratégia de busca da revisão narrativa da literatura

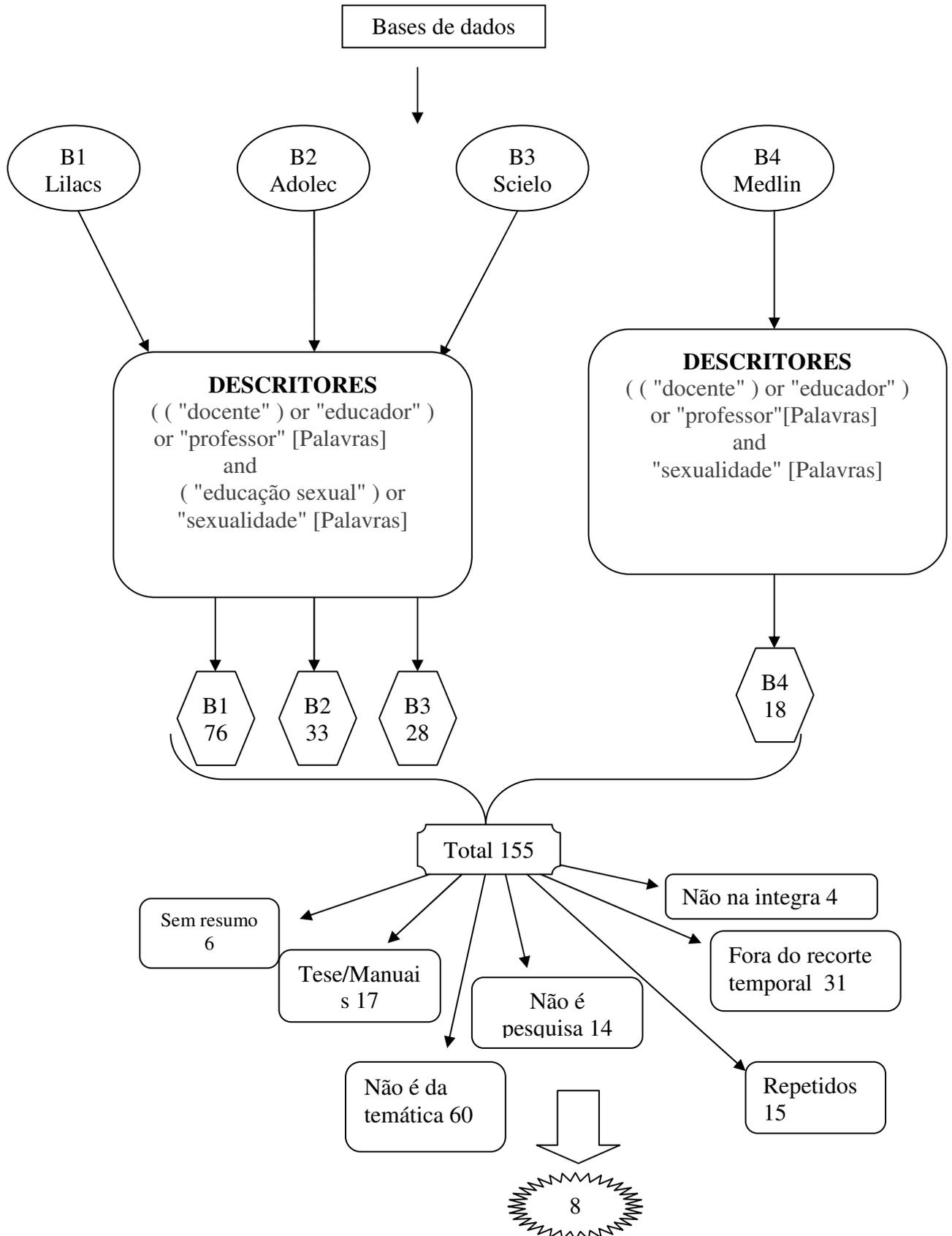
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: **Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem**



APÊNDICE C - Corpus da pesquisa da Revisão Narrativa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

Quadro 2 - Corpus da pesquisa da Revisão Narrativa sobre facilidades e dificuldades dos professores ao desenvolverem a temática orientação sexual na escola.

LILCAS/MEDLINE/ADOLEC/SCIELO, 1996-2013, N=8.

Cód.	Referência	Principais Resultados	Principais Recomendações
A1	SANTOS, Ivan Luis dos; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. Revista Educação Física/UEM , V. 23, Nº. 2.p. 205-215. 2012.	Para eles, esse tema transversal pode contribuir na formação do cidadão, concorrendo para a desconstrução de preconceitos e discriminações, bem como acolhendo, debatendo, desmistificando e ampliando as informações relacionadas à sexualidade.	A construção de novos parâmetros para que o professor possa interpretar e agir em relação à Orientação Sexual na escola parece ser, ainda, um grande desafio para todos os educadores.
A2	ALMEIDA, Sandra Aparecida de; NOGUEIRA, Jordana de Almeida; SILVA, Antonia Oliveira; TORRES, Gilson Vasconcelos. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? Revista Gaúcha de Enfermagem , Porto Alegre (RS). V.3. Nº1. P 107-13. 2011.	Reconhece-se um esforço em privilegiar temas relativos à orientação sexual, embora os educadores admitam que a falta de preparo técnico/emocional interfira na efetivação e aprofundamento desse conteúdo, abordando-os apenas em situações pontuais as quais se deparam no cotidiano escolar.	A temática orientação sexual requer uma abordagem extensiva, inclusiva no sentido de construir uma rede integrada e interdisciplinar, favorecendo um (re)conhecimento do assunto pelos educadores.
A3	HOLANDA, Marília Lima de; FROTA, Mirna Albuquerque; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. Cogitare Enfermagem . Out/Dez.V.15. Nº.4. p.702-8. 2010.	Evidenciou-se que a atribuição do professor na orientação sexual do adolescente está permeada de fatores que impedem o desenvolvimento desta prática conforme a orientação dos PCN. Esta prática está voltada com ênfase ao modelo biologista, associado às disciplinas de Biologia e Ciências, o que reduz a possibilidade de realizar a prevenção de agravos, decorrentes da sexualidade exercida de forma imprudente, e de estimular comportamentos sexuais saudáveis.	Priorizar a educação continuada dos profissionais que trabalham diretamente com adolescentes, mas também os que estão no setor saúde, com capacitação sobre sexualidade. Da mesma forma, é conveniente que haja maior integração entre os setores saúde e educação, visando a valorizar a educação sexual e a promoção da saúde.
A4	MOIZES, Julieta Seixas and BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Revista escola da enfermagem – USP .V.44.Nº1. P.205-12.2010.	Verifica-se que os professores que mais orientam sobre questões da educação sexual são os de ciências e que o tema não é muito bem tratado como tema transversal, mas mesmo assim a escola é tida como local privilegiado para o seu desenvolvimento. Também é importante que a sexualidade e o sexo seja tratado dentro da sala de aula com matérias didáticos e se possível com profissional da área.	A escola é um recurso que pode ajudar os professores, escolares e pais a compreenderem melhor a educação sexual, na qual os profissionais da saúde são grandes aliados a conscientiza-los e capacita-los.
A5	CARDOSO, Luciana Roberta Danola C; FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola; PERCORARI, Eliani Porto Di Nucci. Escolas do ensino fundamental estão desenvolvendo programa de orientação sexual? Psicol. Argum .Curitiba. V. 25. Nº. 51, p. 385-391. out./dez. 2007.	Os temas abordados na escola sobre a orientação sexual referem-se basicamente aos métodos contraceptivos e conceituação biológica. Os programas não visam ensinar os adolescentes a desenvolverem competências, ampliar habilidades de resolução de problema e trabalhar assertividade.	Sugere-se que sejam desenvolvidas mais pesquisas voltadas tanto para avaliação de programas, quanto para o desenvolvimento deles, enfocando um controle metodológico na avaliação dos resultados.

A6	<p>JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÉTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. Rev Bras Enferm. mar-abr. V.59.Nº2. P.157-62.2006.</p>	<p>Uma parcela expressiva dos professores dizem que a sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, com base na manifestação do próprio adolescente.</p>	<p>Diante da necessidade de conquistar o adolescente e de atingir as suas expectativas de discutir não só questões biológicas, mas também questões que envolvem sentimentos, valores, a moral e a ética, é necessário “construir” professores com habilidades essenciais, proporcionando a eles condições de ampliar e reciclar seu conhecimento, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade.</p>
A7	<p>BISCOLI, Cristiane; Favarão, LAGO, Neide Rodrigues; FEITEN, Raquel Helena; SOUZA, Andréia Caldas Pires; PERPÉTUO, Claudia Lopes. Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos. Arq. Ciênc. Saúde Unipar. Umuarama.V.9. Nº1. jan./mar. 2005.</p>	<p>A sexualidade está na sala de aula e em todo o espaço escolar e por isso auxiliar os adolescentes a desenvolverem a sua sexualidade plena e saudável, porém os professores encontram algumas dificuldades, como lidar com tema orientação sexual, carência de informações e por isso priorizam o enfoque biológico.</p>	<p>Percebe-se que os temas trabalhados e a forma de como ele é trabalhado parecem não condizer com a teoria. Por isso é importante a pesquisa nessa área para que se consiga achar uma ponte entre a educação sexual e a educação.</p>
A8	<p>QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. Educar em Revista. Curitiba, Brasil. Nº 43.P. 205-224, jan./mar. 2012.</p>	<p>Os/as professore/as entendem que a educação sexual é um processo de orientação, no qual ocorreria a preparação dos/as adolescentes para a relação sexual, prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e gravidez, descrição da fisiologia e desenvolvimento corporal e conhecimento das relações sociais que modulam os papéis de gênero e da orientação sexual. Deve ser iniciada no quarto ou quinto ano do Ensino Fundamental, cujas aulas de ciências são o espaço privilegiado para se realizar tal orientação. A informação é a forma mais eficaz para se assumir comportamentos responsáveis e saudáveis, sendo que deve ser</p>	<p>Os resultados encontrados nesta pesquisa indicam que o trabalho docente necessita de constante renovação, é preciso superar o modelo biomédico/científico na sexualidade, considerando suas dimensões histórica, social e cultural, e que a transversalidade das ações é uma meta que deve ser alcançada nos diversos campos do saber.</p>

APÊNDICE D - Roteiro da entrevista semiestruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

Data: _____ Entrevista número: _____

Código do sujeito: _____

1. Dados pessoais e profissionais do educador:

Sexo: () F () M

Idade: _____

Grau de instrução () Nível Superior () Especialização/Aperfeiçoamento () Mestrado

() em que área: _____ Doutorado (), em que

área: _____ Pós-doutorado (), em que área: _____

Área em que leciona: _____

Há quantos anos leciona: _____

Atualmente você trabalha em: () Escola pública () Particular () Em ambas

No momento em que ano leciona? _____

Em quais matérias leciona? _____

2. Eixos norteadores da entrevista:

Você conhece o que é Parâmetro Curricular Nacional?

E você conhece os temas transversais?

Quais os temas transversais que você trabalha?

E dos temas transversais, como você visualiza a orientação sexual no seu cotidiano escolar?

Você trabalha a orientação sexual em sala de aula? Sim () Não ()

Caso sim, como a realiza?

Como você se sente em trabalhar a orientação sexual em sala de aula?

Ou Caso não trabalhe, por que não trabalha com este tema em sala de aula?

E se trabalhasse como realizaria?

APÊNDICE E - Códigos Cromáticos da pesquisa

Quadro 3 - Códigos Cromáticos da pesquisa

Cor	Códigos cromáticos
	Direção/ coordenação/ diretora.
	Materiais/ vídeo/ imagem/ revistas/ banners/ folderes/ teatro/ caixinha/reportagens/dinâmicas/ documentário.
	Mídia/ televisão/ rádios/ meios de comunicação/ cinema
	Homossexuais/ hetero/ heterossexualidade/ homofóbico/ gays/ opção sexual/ desvio sexual/ lésbicas/ gênero/ homoafetividade/ diversidade sexual/preconceito/ discriminação.
	Conversar/ investigar/ diagnostico/ aconselhar/ orientar/ planejar/estudar.
	Mulher/ pais/ filho/ vó/ mãe/ familiares/ família/ casa.
	Palestra
	Tabus/ cultura/ valores éticos/ morais/ modismos.
	Disciplina de ciência/ biologia/ ciência/ professora de biologia.
	Pessoa da saúde/ área da saúde/ profissionais/ enfermagem/ psicólogo/ médico/ assistente social/ biólogo/ ginecologista.
	Orientação sexual/ orientar sexualmente.
	Disciplina especifica/ conteúdo.
	Base
	Corpo/ corporeidade
	Temas transversais
	Escola/ colégio
	Dúvidas/ dúvida/ curiosidade.
	Professores
	Preparada/Preparado
	Construção social

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE F – Quadro de análise dos depoimentos

Quadro 4 - Quadro de análise dos depoimentos dos educadores quanto a percepção da orientação sexual na escola.

Códigos cromáticos	Categorias temáticas	Categoria analítica	Depoimentos
<p>Direção/ coordenação/ diretora. Materiais/ vídeo/ imagem/ revistas/ banners/ folderes/ teatro/ caixinha/reportagens/dinâmicas/ documentário. Mídia/ televisão/ rádios/ meios de comunicação/ cinema Homossexuais/ hetero/ heterossexualidade/ homofóbico/ gays/ opção sexual/ desvio sexual/ lésbicas/ gênero/ homoafetividade/ diversidade sexual/preconceito/ discriminação. Conversar/ investigar/ diagnostico/ aconselhar/ orientar/ planejar/estudar. Mulher/ pais/ filho/ vó/ mãe/ familiares/ família/ casa. Palestra Tabus/ cultura/ valores éticos/ morais/ modismos. Disciplina de ciência/ biologia/ ciência/ professora de biologia. Pessoa da saúde/ área da saúde/ profissionais/ enfermagem/ psicólogo/ médico/ assistente social/ biólogo/ ginecologista. Orientação sexual/ orientar</p>	<p>Por que não trabalham Família Como trabalham Meios de comunicação Compreensão dos professores sobre orientação sexual Temas transversais</p>	<p>Construção social de gênero</p>	<p>E1: Olha pra mim, eu acho que a primeira coisa, é, a gente respeitar o corpo da gente [...] saber respeitar o outro [...]. [...] Saber que temos diferenças sim, sexuais, a gente não tem que camuflar, ta ali na mídia, ta na televisão, ta nos rádios, falam muito da questão dos homossexuais, que acho assim, que eles fomentam tanto, tanto,isso como se os heteros também não existisse, é uma forma de excluir os heteros, por que assim, como eu tenho que respeitar ele, o diferente, também tem que respeitar a minha heterossexualidade. [...] os meios de comunicação, nossa tem que aceita, tem que aceita, foi muito para um lado. [...]. Acho que as diferenças tem que existir sim, mas não, como uma forma para separar, mas para respeitar o outro, na sua particularidade, na sua singularidade, acho que a gente tem que respeitar, ele é assim tudo bem, mas você também tem que me respeitar como eu sou assim [...]. Assim, como os heteros não podem ficar se agarrando aqui na escola, porque não é objetivo aqui na escola, escola é ensino, ensinar, não é ficar se agarrando, é bem tranquilo, eu vejo, bem tranquilo. Assim como não é pra um, não é para o outro. Que você é gay que não pode ficar se beijando, não é isso, seu eu sou hetero também não posso [...] Não eu digo assim, que é, por que na escola no contexto, quando isso acontece, eu acho que tem que sentar e explicar, não é por opção sexual, não, objetivo da escola, vamos orientar. [...] (E1). [...] eu vejo assim ó, dentro da orientação sexual principalmente as nossas alunas que são adolescentes e que a gente vê que elas engravidam de uma maneira precoce, mesmo a questão do corpo, não sabem valorizar o corpo delas, elas se expõem em situações que eu falo pra elas: meninas valorizem os corpo de vocês, não é dessa maneira se expondo assim que vão ganha respeito, se você quer respeito se de o respeito. (E2).</p>

<p>sexualmente. Disciplina específica/ conteúdo. Base Corpo/ corporeidade Temas transversais Escola/ colégio Dúvidas/ dúvida/ curiosidade. Professores Preparada/Preparado Construção social</p>			<p>[...] bom, eu penso assim, por exemplo, se você vê alguma assim [homossexual], é, na minha opinião, os meninos e as meninas do mesmo sexo se agarrando muito, tendo muito contato físico eu acho que deveria procurar conversar, assim com a pessoa tipo assim orienta ela pra não fica fazendo isso, assim ser mais discreta né por que é as vezes ela pode sofrer um certo preconceito, por que as vezes você não sabe o que que é se é amizade ou é outras coisas, então acho que deveria conversar com a pessoa e pedi pra ela assim se se portar mais é mais discreto né não ter esse tipo de atitude em sala de aula por que pode deturpar as vezes a pessoa não tem é assim alguns desvio sexual [...]. [...] orienta a pessoa sexualmente pra ela saber fazer a coisa na época certa, por que as vezes eles começam muito cedo a vida sexual e pra mulher acaba atrapalhando um pouco por que se ela se torna mãe muito cedo ela vai ter que deixar certas atividades que ela poderia tá fazendo como escola, trabalhar né? [...] Eu acho assim que a mídia, ela altera muito o comportamento das pessoas assim, a televisão, o cinema, então eles ficam meio lavados [risos], ficam meio conduzidos por uma imagem que é muito, muito endeusada, muito mistificada, muito enfatizada e eles acabam tendo, querendo transportar a vida deles nessa situação né, as meninas se exibem demais, os meninos extrapolam demais eu acho que o ponto fundamental é a mídia ela atrapalha muito. [pausa]. (E3)</p> <p>A partir do sexto ano já começa menina gosta de guri fulano gosta de sicrano e de beltrano, e eles perguntam daí bastante coisas, [pausa] já começa no beijo né, volta e meia tem um no banheiro se beijando aí tem que, as vezes tem que comentar um pouco na sala também né, [pausa] do corpo também, o que é masturbação. [...] A questão da dos métodos ali e a questão do das meninas grávidas [...] e ai eles puxaram a história que tem lésbica tem gay tem isso tem aquilo, expliquei pra eles lá os gêneros que eles queriam saber [...] tem casos que eles ficam meio assim né bah mas 2 guri junto isso não pode né, então a gente acabou comentando um pouco a parte do preconceito também entre eles. Como vou explicar essa a questão da homoafetividade também né eu me preocupo,</p>
---	--	--	---

			<p>porque daqui a pouco, não é bem isso que eles querem e mais tarde será que não vão se arrepender. (E4)</p> <p>[...] envolve acredito que isso também [a questão pedagógica], até os valores inclusive, hoje tivemos reunião, ontem uma aluninha, calor, verão já veio vestida pra matar digamos assim, adolescente, daí chamou a menina e opa você vai se vestir diferente [...] (E5)</p> <p>[...] não acredito que seja algo genético [homossexualidade] como a gente né já ouviu fala que vem da genética não acredito que, não tem assim um estudo assim muito, não fui buscar muito sobre isso, então assim eu me preocupo por que daqui a pouco não é tudo aquilo daí a pessoa já está exposta sabe me [...] hoje em dia tá acontecendo muito rápido, coisas que há dez anos isso não existia, até existia mas era uma coisa mais tipo assim mais reservada né. [...] Eu acredito que orientação sexual é você orienta desde que a criança começa a apresentar mudanças no corpo né, começa entra pra fase da adolescência que tá orientando tudo que essa transformação que tá acontecendo e depois dali você tá orientando a questão da sexualidade né, que hoje em dia eles estão namorando muito cedo eles tão achando que tá acontecendo muito rápido essa questão de transar cedo. Eles não tem assim tem uma orientação, mas de repente a forma que eles estão sendo orientados está errada. Digo errada pelo fato de que eles não tem essa orientação, o que que é essa orientação? É eles sabe o que que é ser bem simples o que que é um namoro sabe e que ta muito rápido as coisas tão acontecendo muito rápido a gente vê nos índices hoje crianças meninas com 12 13 anos já estão grávidas né, assim a questão de terem se valorizando também. (E6)</p> <p>[...] olha acho que o colégio precisa mais orientação mais cuidado e vindo desde os pais que agora como começou o verão também né a percebe que as menina tão, até foi discutido hoje pela manhã pra utilizar o calção mais adequado que tão vindo muito curto daí tem os meninos ali que começam né tu sabe brincadeira começam a passar a mão [...]. (E7)</p> <p>[...] as meninas tinham vergonha dos meninos então a gente dividia ia as professoras com as meninas e os professores com</p>
--	--	--	---

		<p>os meninos sempre tirando as dúvidas [...]. (E8)</p> <p>Bem em sala de aula quando eu trabalhava não abordava muito esse assunto mais eram pequenas conversas fora da sala de aula assim quando as meninas chegavam e perguntavam pra tirar alguma dúvida, agora quando estou assim eu vejo assim que estou nessa parte pedagógica a gente tem esse contato direto com o aluno ai a gente tem mais o tempo e elas vem a procura pra tirar algumas dúvidas [...] sou leiga no assunto né mas assim nunca deixo de dar um conselho uma dica uma ideia sobre isso né na questão de se cuidar de se prevenir né na questão da relação sexual precoce a gravidez na adolescência que é uma coisa assim bem comum né nos nossos adolescentes. (E9)</p> <p>[...] eu vou ser orientado a ser homossexual, ou eu vou ser orientado a ser heterossexual, ou bissexual, ou transexual, então é o que, é aquela questão que vem dessa questão é da própria diferença de gênero, de sexo né, o sexo está ligado a que ao biológico, macho, fêmea, já as construções de gênero é o que e aquelas construções sociais que a gente vai dizer do rosa pro menino, pra menina, do azul pro menino, então a orientação sexual ela tem o que? [...] Eu vou trabalhar desde essa questão do conceito de gênero, de sexo, o que que é um bissexual, o que é homossexual, o que é hetero, o que é uma escolha, o que é uma orientação, tudo nessa ideia da construção social de gênero, como que a construção social influencia a vivencia individual de cada ser. [...] até uma coisa que eu acho muito legal aqui da escola é o seguinte, é vem trabalhar um pouco dessa diversidade sexual e tudo mais no dia do pai no dia da mãe no dia do avô, né em pensar que ter família, só não temos mais um padrão familiar ou podemos ter mas não que é exemplo de ter pai mãe e filhos, temos outras novas constituições familiares, 2 pais , duas mãe né, dos casais homoafetivos, e aqui na escola uma das ações é isso não comemorar o dia do pai nem seu dia de mãe, é o dia da família, entende? [...]. (E10)</p> <p>[...] já vi muita informação desencontrada, distorcida a respeito, alguns falam de tendência, outros falam de identidade sexual, alguns chegam a dizer que é genética [...] [...]. Olha em</p>
--	--	--

			<p>parte eu acredito que ela [mídia] dificulta o trabalho, por que como eu falei ela banaliza estereótipos de sexualidade, não por que o rapaz pra ser viril, pra ser másculo ele precisa ser potente na cama, ele precisa te, com o perdão da palavra ser bem dotado, ter um membro maior, grande e tudo mais e a menina tem que ter aquele arquétipo, aquele perfil estipulado de ser magra, de ser siliconada, de ser isso de ser aquilo, muitas vezes o jovem não se identifica com isso, ele tem esse choque de realidade ele ou se frustra ou se decepciona ou simplesmente tenta se adequar aquele paradigma, aquele parâmetro de beleza que é estipulado, e isso gera desconforto, mal estar. [...] sobre tudo da questão do preconceito, da homofobia, um tema que eu insisto em trabalhar com frequência, esse ponto eu admito que eu trabalho bem [...] (E11)</p> <p>[...] Olha dentro dos jovens né até eles tão não, até dos meus alunos não tem nenhum uma pessoa assim homossexual assumida né mas eu acredito que eles as pessoas mais jovens tem uma facilidade maior de aceitação. [...] É trabalhado mais a questão do da aceitação do respeito. [...] Olha como não é da minha [...] eu acredito que não tenha grandes problemas até porque é nas turmas que trabalho tão não tem ocorrido a presença de homossexuais ou visivelmente então eles não tem discriminação. [...] Eu acho que uma conversa com eles, falar sobre as diferenças, respeito. Não, não sei aqui na escola não sei se o pessoal tem medo mas não tenho visto pessoas digamos eu nunca vi um aluno assim com orientação homossexual. (E12)</p> <p>Ferramentas que eu digo, de saber por exemplo que alguns de algumas turmas assim de determinada faixa etária já começam a desenvolver, despertar o interesse pelo outro seja do mesmo gênero ou não, mas começa a despertar e a partir disso, essas ferramentas são para orientar ele clama não tá na hora ainda, é legal tu tem mais né, tem que sabe relaciona o que é um carinho a mais com o outro do que uma atração sexual uma relação sexual enfim, um desejo mesmo sexual, se é por uma criança, um adolescente, se é por uma pessoa do mesmo gênero, prepara, ajuda né a prepara a família por primeiro e eles mesmo pra saber que eles vão encontrar resistência vão,</p>
--	--	--	---

			<p>vão enfrentar o olho atravessado ali. (E13)</p> <p>[...] a orientação não digo nem que é uma opção né, mas orientação sexual é aquilo que a pessoa acredita ser, naquilo que ela se sente melhor, que sexo é uma coisa ou é feminino ou é masculino né, mas a questão da orientação como você se sente, você se sente um homem você se sente uma mulher você vive como um homem você vive como uma mulher, acho que é nesse sentido a questão da orientação. Não tem a ver com feminino ou masculino tem a ver de como você se sente enquanto homem ou mulher, independente de sexo. [...] [...] o sujeito não deixa de ser pessoa, não deixa de ter os seus direitos em função da sua orientação sexual e aí o professor tem que se posicionar no sentido de garantir que o preconceito não aconteça ou garantir o conhecimento do aluno, pra que ele percebe que puxa por que tem a orientação diferente que não tem o direito de estar na escola, de opinar, de fazer, de participar da atividade e tudo mais, como professor se posicionando digamos como eu falo nesse sentido né, de não deixar simplesmente passar, ou esconder a situação. (E14)</p> <p>[...], mas eu acho muito interessante trabalhar por que cada vez mais, tão aparecendo meninas com 12 anos grávidas, já tive duas alunas de 12 e 13 anos grávidas em outras, não nesse ano, não nesse espaço escolar também em outro, isso é bem complicado. (E15)</p>
		<p>Como um solo em que nunca pisaram</p>	<p>[...] eu vejo assim que a nossa geração de professores são muitos acomodados, eles não querem o novo, o novo para eles incomoda, trabalham demais. [...] Então, assim, eu que eles estão acomodados sim, eles não querem mudar a prática, a metodologia de ensino[...] Nem tudo é a escola, só que a escola acaba assumindo tudo, assumindo tudo, né? Não que não deva, eu acho que tem que ter sim, como orienta, mas quem que tem que dar maior suporte, é a família, com certeza é a família.</p> <p>[...] Com uma conversa né, primeiro ia investigar, depois eu ia planejar a partir daquilo que eu, daquele diagnóstico prévio que eu fiz, para depois, né? Eu trazer as informações precisas.[...]. [...] então assim, eu acredito que a escola tem sim que fazer sim esse trabalho, de orientar sim, chamar pra</p>

			<p>conversar, propor palestra, e explicar, porque o que eles precisam é para orientar, não pra mim fomentar algo, é para contribuir. Na verdade, em sala de aula eu imagino que nos não teria muito tempo, né? Se fosse trabalhar, por que é 45 minutos de aula, não teria muito tempo, mas priorizar [...]. Chamei o pessoal do SESC, eles vieram dar uma palestra para a turma Então, daí assim, ela, essa mulher explicou, eles adoraram [...]. Daí ela veio explicou, orientou, trouxe os métodos contraceptivos, trouxe as revistas, foi bem legal, [...]. Trazer pessoas para explicar para os adolescentes, eu penso que deveria ter mais, por causa, né de todas as informações que tem, então eu penso que deveria ter mais, no sentido que eles querem saber, tantos que eles não queriam deixar a mulher ir embora aquele dia, de tanta dúvida, pensa, se fosse trabalhado né desde o início algumas questões, sei lá, eu acho que [...]. [...] mas daí porque, eu conversei com a profe da disciplina de ciência, porque, assim oh, como eu não sou sozinha, eu preciso também me apropriar da questão da biologia, da área da biologia, da área da ciência, então assim, ela foi me orientando. Assim, oh profe, como é que eu faço, por que tem coisa que eu não domino, eu não estudei ciência, eu não estudei biologia, então eu procurei muito a orientação da professora também, de biologia. [...]. Na verdade foi mais a professora que participou, por que era da disciplina de ciências, né? E ela é formada em biologia, que é ciências, e daí foi à professora e os alunos que participaram. [...] Pessoas da saúde, que entendem, né? Da saúde, por que essa que veio era da saúde, que veio dar a palestra, para os jovens, para os adolescentes. (E1)</p> <p>Encontrar profissionais para se colocar a disposição para trabalhar com a orientação sexual com os adolescentes. [...] Por exemplo, eu na questão financeira eu levo eles na pratica compra uma mercadoria e analisa o preço, qual é o juro, claro que na questão sexual tu não vai levar ela na pratica, mas vocês podem mostrar a questão de vídeos , de relatos de outras pessoas o que já aconteceu, experiências de vida. [...] Mas trazer profissionais pra escola. [...] Eu não me envolvo muito com essa questão , eu sei que as meninas fazem esse trabalho,</p>
--	--	--	---

			<p>trazem palestrante , conversam, mas é dentro da área da ciência e da biologia. [...] Eu não sei te dizer , isso que eu te falei , eu não estou dentro dessa área, mas é a professora de biologia que trabalha, eu sei que elas fazem, tem com a coordenação da escola também as meninas estão sempre trabalhando, mas não é um trabalho que eu acompanho. [...] Da área da saúde, por que não trazer um ginecologista pra conversar com as meninas por exemplo. [...] Talvez deveria trabalhar um pouco mais. [...] mas eu trabalhar essa questão, eu não trabalho. [...] Eu não sei te dizer como é feito, como te disse antes. [...] Acho que pra elas seria mais palestras, explicar o que pode, o que acontece de uma relação sexual precoce, de não tomar os devidos cuidados. [...] Eu acho assim que a orientação sexual é extremamente importante na escola, como vai ser trabalhada, como falei eu não sei não é da minha área, mas ela é extremamente importante, é como trabalhar a questão financeira as crianças precisam saber administrar não o dinheiro do pai, mas o dinheiro delas mesmo. (E2)</p> <p>Não me vejo preparada pra entra nesse solo né [risos]. [...] Ser orientada como falar, como fazer, como conduzi-los. [...] vocês ai [risos] pessoas mais habilitadas a conduzir os professores instruir os professores. [...] Habilitadas de ter experiências nesse campo né de como você abordar como você encaminhar. [...] é orientar para que eles não se envolvam tão jovens e acaba perdendo o rumo da vida deles né. [...] Eu acho que deveria ser trabalhado mais. [...] (E3)</p> <p>É alguns [professores] não trabalharam [...] é um tema que envolve todos por que é o nosso dia a dia é o que a gente vive. [...] Olha aqui não aconteceu mas eu trabalhei numa escola que a os alunos começaram a perguntar mesmo a relação de sexo de como que era tal teve uma família que não gostou e vieram na escola pra saber o por que tavam trabalhando isso na escola, que isso não era assunto da escola por que sei lá preferiam fala em casa e ai a diretora acabo explicando que era conteúdo da escola ta dentro dos parâmetros [...] nós tínhamos uma palestra marcada até, uma pessoa ia vir dar uma palestra sobre a parte de sexualidade e acabou que não veio, [...]. Eu acho que seria interessante por que eu to na sala todo dia então vim uma</p>
--	--	--	---

		<p>pessoa de fora uma pessoa diferente até pra eles perguntar fica mais a vontade, eu acredito que seria bom, e eles estão não tem o dia que alguém não lembrem professora cadê o palestrante. [...] alguém que traga todos os métodos pra eles ver visualizar também tipo a camisinha feminina como que usa explica pra eles por que eu entendo assim por cima não sou aquela pessoa especialista né pra chega ali e explica tudo certinho o que acontece o que não acontece e eles perguntam coisas que não, eu não sei responde as vezes, claro tu tem que buscar né claro que alguém especializado na área seria mais interessante. [...] é um tema transversal mas querendo ou não sempre acaba sobrando pra ciência e pra biologia (E4)</p> <p>[...] o que que acontece, metade dos pais trabalham, é o normal os dois trabalhar direto né, tem que os dois, o casal trabalha, e aí onde que fica a questão de acompanhar os filhos, bah ficam sozinhos de manhã ficam fazendo o que? Com quem? Até tem o exemplo de uma menina que foram fazer um trabalho de grupo vem aí pela manhã o pessoal da tarde, daí vem uma aluna, professor não podemos fazer trabalho em casa misturar meninas e meninos, os pais proibem né, por mais amigo que seja, ou é só grupos de meninas, ou grupo só de rapaz, então os pais evitam o máximo possível essa questão, então os pais fazem o possível pra questão orientação sexual né. [...]. [...] acho que os pais fazem o possível, eu acho, não podem fazer mais por que meu Deus, meu filho tá onde com quem, realmente é difícil de controlar, as avós meu Deus, muitas crianças ficam com as avós, essa questão da educação o que que as avós lá que era tudo proibido [...] Explicar bem assim os nomes né comentar a questão do nome que é usado em sexualidade (pensando) ver quando há uma relação de confiança né caso abri o jogo sem conhece muitas vezes então a conselho mais adulto o adolescente confia mais? tem uma certa vergonha né e tem que ter uma certa compreensão né das meninas a professor to as vezes brinca né to naqueles dias né preciso sair da sala, daí as vezes não deixa há não pode então a sempre ter compreensão da faixa de idade principalmente sétima e oitava serie e primeiro ano assim. [...] Na escola seria importante sempre palestras por exemplo, de qualquer órgão</p>
--	--	--

		<p>que seja, até do hemosc na questão do sangue né, a questão de enfermagem da questão sexual, os cuidados, a questão da AIDS, poderia ter uma sequencia mais de orientação sexual nessas faixa que a menina brota pra sexualidade que o menino também parece ter curiosidade, no primeiro ano do ensino médio dos quatorze, [...] como a psicologia é importante né, pra todos os educadores eu acho, pra quem não teve psicologia deveria ter noções de psicologia, então os estudos que a gente vez anos atrás em vários outros cursos a gente sempre, não faculdade de psicologia, cursos de psicologia, [...] é a descoberta sexual, qual a intimidade da criança com a mãe na amamentação por exemplo, que já é um ato sexual, a intimidade com a mãe, e depois a adolescência. A psicologia ajuda muito até a entender o próprio aluno.</p> <p>[...] É uma capacitação em psicologia, é do crescimento da criança da mentalidade e do físico também, ajuda bastante nessa questão de entender as descobertas, por exemplo, a criança vai se descobrindo, da questão sexual, e ter uma orientação assim bem certa digamos assim, ela vai tá mais segura nesse campo né, quando mais adulta, não vai fica um adulto com medo, com vergonha, meus Deus, Deus me livre né cheio de esclerosado ou com vergonha de fala sobre o assunto né, também vai ter mais firmeza, mais confiança em emitir também a orientação. [...] Isso dificilmente aparece no conteúdo no caso da historia diretamente sobre esse assunto, até a gente evita, até quando tem uma característica que é que faz parte da historia que aconteceu e envolve essa questão sexual, sexual natureza normal do ser humano e a parte mais promiscua a gente evita no caso [...]. Até era pra ser uma, uns debates, uma disciplina, coisa mais regular nas escolas né, orientação sexual, mas não se tem uma disciplina sobre isso que se trabalhe em escola né diretamente, seria importantíssimo, [...] (E5)</p> <p>Primeiramente teria que tá se trabalhando isso tipo assim tendo uma alguém pra ta orientando a gente professor como chegar nos alunos como tratar disso abordar esse assunto com os alunos a gente aborda mas como chega no aluno sabe a partir do que ele sabe de repente né ta tirando as dúvidas que mesmo</p>
--	--	---

			<p>a gente como professor muitas vezes não tem não sabe tudo né , acho por isso que eu falei antes né até brincando lá, brincando não a questão de nos termos um psicólogo nas escolas né que hoje não só a questão sexualidade mas outras questões estão vindo para dentro da escola e os alunos estão deixando os estudos de lado pois eles estão tendo outros problemas questão tanto da sexualidade, como da questão da família no convívio, dessa relação pais e filhos que pra nos professor é bem complicado isso. Por que hoje em dia os pais não sentam com os filhos pra ta conversando pra ta tirando as dúvidas né, geralmente o que que acontece com o adolescente ele vai tira essas dúvidas ali fora né com um colega nem sempre ele vem e pergunta pro professor né tira dúvida daquele tema por que não sei hoje tá assim as coisas estão tão avançando tão rápido essas tecnologias essa globalização e tudo isso já tá eu acho que tá se distorcendo algumas questões eu acredito. (E6)</p> <p>[...] Alguém que entendesse essa questão assim uma psicóloga , acho importante trabalha, até seria importante essa pessoa tá mais permanente na escola, por que daqui a pouco o aluno tá com um problema mais serio ??? uma psicóloga iria ajudar muito. [...] Eu digo assim por que não tem uma disciplina especifica, sexualidade pra trabalha, e eu acho que teria que tá revendo por isso eu falei ta revendo isso e tá se trabalhando essa questão não, assim no especifico né não ta trabalhando no todo por que no todo a gente vai abrangendo um pouco de cada conforme as disciplinas dentro da interdisciplinaridade, só que eu vejo assim que teria que tá trabalhando especifico né e não se trabalha isso. [...] não tem se hoje na escola também uma disciplina para sentar e tirar essas dúvidas seria muito importante isso, e seria importante a gente ter isso né. (E6)</p> <p>Tem muitos caso que os pais são separado, os filho fica só com o pai ou só com a mãe não tem uma orientação e os pais não tão muito preocupado com os filhos não só questão sexual mas na questão da educação [...]tem vários pais desse tipo, eles não analisam a forma de se vestir não percebem e outra coisa também é a corrida do dia a dia trabalho então as vezes não tão muito participativo não veem os filhos o jeito que se vestem em casa os filhos se vestem de uma maneira e daí trazem uma</p>
--	--	--	--

		<p>roupa de outra forma e se trocam aqui então, já teve caso. [...] Daria pra fazer um encontro com os pais né pode ser no colégio e fala também dessa orientação né, orienta os pais, que tem pais também que não são orientados né vivem num mundo diferente então não. [...] de uma forma geral, olha acho que o colégio precisa mais orientação mais cuidado e vindo desde os pais que agora como começou o verão também né a percebe que as menina tão, até foi discutido hoje pela manhã pra utilizar o calção mais mais adequado que tão vindo muito curto daí tem os meninos ali que começam né tu sabe brincadeira começam a passar a mão então a orientação deveria vir desde casa na hora de se vestir pra chega aqui no colégio e não causar constrangimento. [...] Olha alguém sei que o pessoal trabalha na secretaria da saúde tem uma equipe de pessoal que vai nos colégio e passa algumas orientações, como utilizar o preservativo, as doenças né transmissíveis seria uma maneira de passar mais orientações. [...] Na minha disciplina não, não trabalhamos nessa área né, mas o problema o que eu posso, o que algumas dicas eu passo pras meninas pros meninos mas não entro em detalhe né questão de pra não constrangimento tudo mas eu acredito que devia te uma disciplina que falasse especificamente desse assunto. (E7)</p> <p>Eu acho que de trabalha assim do professor leva esse conteúdo mais afundo que muitas vezes pega aquele texto que tem lá no livro didático e só manda o aluno lê e fala alguma coisa mas eles querem que você fale além disso. [...] mas eu vejo assim que em casa falta muito, eu acho que eles não tem orientação, muitas vezes quando o pai se depara quando vai vê o filho né já já tá né já tá sabendo mais pelos amigos pela internet do que por eles, por que eles perguntam só que eu vejo que a escola deveria ensinar mais, eu acho que poderia englobar mais, [...]. Eu acho assim que também poderia ter vir pessoas né palestras pessoas mais habilitadas né da área pra responde [...] Eu acho que até pessoas que trabalham com isso na saúde né da própria das saúde médicos psicólogas né pra tirar essas dúvidas[...]. [...] Eu acho assim que hoje cada um trabalha seu conteúdo, geografia não vai abrir espaço historia não vai abri, matemática não vai abri então cada um vê somente o seu</p>
--	--	---

			<p>conteúdo o seu currículo mas eu acho que deveria de repente a tentar colocar em algum integrar em algum conteúdo da disciplina. [...] e na época que eu trabalhei algum tempo atrás com língua portuguesa eu geralmente sempre abria um espaço pra trabalhar com eles sobre a orientação sexual. (E8)</p> <p>[...] É como eu te disse eu teria que planejar , planejamento vem o que vem depois de uma pesquisa, de um recurso tecnológico, de perguntas, dinâmicas, de primeiramente eu teria que fazer uma pesquisa com o aluno ver qual é a curiosidade dele, não é eu chega lá numa turma talvez nem é o que eles querem sabe, então você entra numa turma de 11 anos e uma turma de 15 anos tem diferença muitas vezes uma de 11 anos muitos nem tiveram relação então assim depende da curiosidade da turma primeiramente eu levantaria assim a ideia eles fariam perguntas numa caixinha e depois eu leria as perguntas e iria a trás para tentar responde e depois ir sanando com outras com recursos tecnológicos com teorias com convivências exemplos né. [...] eu posso te dizer eu não trabalhava isso nunca trabalhei mas agora nesse contato fora de sala a gente conversa bastante e assim eu eu dou conselhos e fala a partir da minha vivencia não que eu tenha curso e saiba fala sobre o assunto eu me sinto leiga mas assim eu falo a partir do que eu conheço do que eu leio ou do que eu me informo e a questão de de né do que eu conheço então assim sou leiga no assunto né mas assim nunca deixo de dar um conselho uma dica uma ideia sobre isso né na questão de se cuidar de se prevenir né na questão de de da relação sexual precoce a gravidez na adolescência que é uma coisa assim bem comum né nos nossos adolescentes. My god, alguém da área da saúde né , alguém da área da saúde, enfermagem, assistente social, bióloga. [...] ajudando sanando as dúvidas desses dessa gurizada que eles tem muita dúvida eles tem eles querem saber principalmente os oitavos anos eles procuram eles tem dúvidas eles tem curiosidade anos passado eles trouxeram um palestrante ele é formado na área da farmácia e ele ficou 3 aulas com 2 turmas de oitavas eles fizeram tantas perguntas eles gostaram tanto de tudo que ele esclareceu é um profissional aqui de Chapecó e eles gostaram muito esse ano</p>
--	--	--	---

			<p>eu tentei de novo e ele não pode vir né então assim foi interessante eles gostaram e até então esse ano eu não consegui ninguém dessa área pra tá falando com eles, tem dúvidas eles tem curiosidades, tanto que eles já fizeram as perguntas estão na caixinha a 3 meses e não tem palestrante nessa área pelo menos não descobri nenhum. (E9)</p> <p>[...] muitas vezes os professores não estão preparados para trabalhar essas questões em sala de aula, ou muitas vezes deixam só pra biologia trabalha ligado somente a questão sexual, biológica e a gente sabe que a orientação sexual não é somente vinculada a questão biológica e seria a construção social e as vezes ela é podada ela não é trabalhada, e é o momento que tivesse os professores vão precisar se capacitar pra isso. [...] interligando com outra disciplina, mas a questão da família em si eu percebo que ainda tem muito esse conservadorismo na figura padrão familiar ainda pai, mãe e filhos [...]. então são temas que posso abordar lá na disciplina de português, posso abordar na disciplina de biologia, que tu pode intercalar isso então veio do da ideia lá das propostas curriculares né, que na , que muitas vezes em outros espaços tu não consegue ver essa ligação ou essa dinamicidade com outras disciplinas. [...] Eu acho que sim, eu acredito que especifica nessa nova proposta curricular que está sendo modificado que concretize essa disciplina de diversidade. Diversidade não lembro, mas que vem trabalhar as relações de gênero [...] talvez sim vou trabalhar em biologia como trabalhei em sociologia, mas não foi uma atividade planejada juntos, mas eu acho assim se fosse pensado de vários projetos que tem, de várias atividades de vários temas que a gente tem trabalhado junto não seria difícil, entende? Quem sabe faltou uma oportunidade de conciliar ou de aproveitar os dois as duas temáticas sabe, a escola é bem aberta, os professores são abertos pra isso, as vezes a gente encontra uma realidade um pouco de rejeição disso, não é só minha disciplina e deu, trabalho faço minha avaliação e minha aula e deu. Aqui tem um pouquinho dessa abertura sim, e trabalho conjunto e tudo mais. (E10)</p> <p>em parte por eu ser novo ou mesmo em parte por estar</p>
--	--	--	--

			<p>começando a minha carreira como professor efetivo a pouco tempo eu me sinto um pouco inibido ainda, eu acho que a sexualidade acabou sendo muito banalizada no nosso contexto, os jovens perderam a dimensão do real significado do que seria o ato sexual, não é tudo aquilo puramente mecânico, instintivo, fiz e pronto, tem toda uma serie de consequências, nem só uma questão fisiológica de doença, de gravidez e tudo mais, mas própria questão psicológica e na formação né da pessoa [...]</p> <p>Ela é fundamental, como em tudo na vida eu acredito que a educação escolar ela é só um reflexo um complemento da educação que o aluno trás consigo do ambiente familiar e da convivência da sociedade em geral, com amigos, com trabalho com tudo mais. Se a família não vencer certos preconceitos que ela tenha internamente e certas resistências o aluno vai trazer consigo esses preconceitos, essas resistências e vai ser muito mais difícil trabalhar com ele dentro da escola, dentro da sala de aula, por que não vai haver aquela afinidade, aquela conexão que está sendo proposto, se ele tem uma ideia distorcida de sexualidade vinda de casa é muito mais difícil aceita?? O que tem na escola, por que a escola é alguém de fora vamos dizer assim, não é alguém da família, não é alguém do vinculo dele, é mais difícil dissociar, [...] e acredito que é mesmo uma questão de pesquisa, de busca, de respaldo teórico mesmo, por que na minha opinião isso é uma opinião minha mesmo não se tem muito mais que contribuir em aspecto da prática sexual [...] (E11)</p> <p>Acho que não to muito bem preparado mas teria que ir atrás se precisar tem que ir atrás. [...] É até mesmo pra evitar qualquer forma de discriminação ou fato de agressão física tudo mundo tem violência né, a questão da respeito e aceitação, talvez eles tiveram umas palestras já aqui na escola até os professores da área da biologia falam muito disso né aqui de humanas também quanto a aceitação. [...] Teve ano passado mas eu não participei das palestras, não era meu horário. [...] De informações como trazer psicólogo pra ver qual a melhor maneira de intervir no caso. (E12)</p> <p>E13: Esse preparo, primeiro, é alertar os pais, alertar não digo pro que alerta parece uma coisa ruim, é conversar com os pais,</p>
--	--	--	---

			<p>ter essa relação com os pais de que tão acontecendo mudanças com o filho dele, ou com relação a tá despertando precocemente é uma sexualidade que não, que biologicamente não tá na hora ainda e geralmente a gente sabe que quando acontece isso tem uma influencia externa ou que está despertando pra uma um interesse por pessoas do mesmo gênero, converso com os pais sobre isso pra saber vai fazer o que? [...]A gente tem dois pontos assim, dois pontos não, dois tipos de família aqui na escola, a gente vê, tem famílias que são mais preocupadas, que procuram, que conversam né, e tem famílias que simplesmente reprimem, que negam que tá desenvolvendo e que tá desenvolvendo depois ou desenvolvendo antes ou tá desenvolvendo de uma forma que a família vê a influencia cultural da família, influencia religiosa, influencia de histórica mesmo da construção de cada família, então te,m família que já tem uma conversa mais aberta com seus filhos, já consegue a coisa anda e tem família que reprime e ponto ou por questão cultural da família ou por questão religiosa enfim, mas tem esses dois extremos. [...] Primeiro, a minha primeira ideia é trazer textos pequenos pra eles assim pra gente, pra eles conversa, primeiro ter acesso ao texto e depois a gente discutir. Eu também vou ter que voltar a estudar sobre isso né, porque muito da nossa vivencia é a vivencia do dia a dia, de experiências de alunos a 5 anos atrás a gente vê que tá acontecendo de novo hoje, opa, até eu converso com o professor que tem mais tempo de experiência que eu, a gente diz opa lembra daquele ano assim, assim assim lembra? tá acontecendo de novo né, aé ta acontecendo de novo, então a gente já tem a experiência mas não registra e não estuda sobre a experiência, a gente sabe que é a mesma, a gente liga o alerta, fica ali, é um caso parecido com que a gente já viu, mas como a gente não registrou não estudou sobre a gente não tem como intervir de uma maneira mais forte assim, forte eu digo qualificada, a gente sabe que já aconteceu, mas a gente não sabe o que fazer, como a gente não sabia da primeira vez, por que gente não foi atrás, não pesquisou, não registrou. [...] eu vejo de uma forma tranquila, claro que vou ter que voltar a estudar como eu disse, vou ter que pesquisar de novo, mas eu</p>
--	--	--	---

			<p>não vejo problema por que assim eu não tenho nenhuma barreira religiosa que me impede de falar sobre isso, tem que ter cuidado com a faixa etária que tema que tu vai, pra onde, pra que caminho tu vai leva isso, por isso que eu vou ter que voltar a estudar pra saber pra que caminho levar, mas eu não vejo problema assim de exposição minha, ou alguma barreira que me impressa, que me dificulta na verdade, que me impede é que vou ter que voltar a estudar pra saber como lidar, pra não agredir eles com algum termo que eu fale ou algum tema que eu uso, por que pra mim não tem problema fala sobre isso, mas talvez tenha uma criança aqui na sala que a religião dela ou a família dela não permite que ela toque nesse assunto, e daí se eu toco no assunto falo claramente com ele, trago vídeo, trago foto, trago texto, no outro dia os pais estão aqui, que tá fazendo isso com meu filho, não eu tenho que explicar não é com teu filho é com a turma toda, um trabalho, mas vai, pode acontecer esse choque assim, por isso tenho que volta estudar pra sabe como conduzir isso pra não passar da linha que nem eu te disse. [...] Além de ter pessoas de área especifica que podem trabalhar com eles aqui na escola. [...] Eu não vejo um projeto da escola em relação a isso. [...]. (E13)</p> <p>Ai eu acho que é necessário, não tem como não trabalha por que ela aparece e ai as vezes acontece situações que você enquanto professor educador tem que se posicionar , tem que orienta, tem que ajuda, tem que esclarece, tem que mostra que não, não pode ser assim ou pode ser daquele outro jeito, acho que é importante se trabalha. [...]Olha é uma pergunta difícil de responde essa (risos), por que a gente não, dificilmente a gente discute esse assunto com a família, não se chama a família, pelo menos até hoje isso nunca aconteceu de ter que chamar a família em função de um problema que possa ter ocorrido que revenha por causa de uma orientação sexual do aluno, até hoje nos não tivemos essas questões então não sei te dizer como a família vê isso mas com relação a escola e aluno e família nunca tivemos nenhum problema, ??? nunca discutimos o assunto nenhum referente algum aluno, é isso. [...] Olha, na realidade você depende de turma, depende de idade deles pra que você possa selecionar digamos as</p>
--	--	--	--

			<p>atividades, os conteúdos daqui a pouco até filmes que você possa trabalhar com eles pra daí discutir toda a situação da orientação sexual, materiais digamos hoje existe que possa auxiliar a gente né, a dizer acho que aquele filme resolvia a questão de conhecer situações que acontecem mas quando tu tá na sala de aula é que tu percebe qual é o melhor? a melhor atividade, melhor forma de trabalha pro aluno, esconde não dá, pior atitude né, então tudo que vier a contribuir para o desenvolvimento do trabalho acho que tem que ser utilizado.</p> <p>[...] não acho que é isso.É um tema que não tem como não se trabalhar né, até por que ele tá bem latente, tá aparecendo muito né, é uma, a maior dificuldade da grande maioria das pessoas é aceita né, aceita conhece, e a partir disso você consegue trabalha sobre. (E14)</p> <p>[...] eu vejo que alguns professores trabalham com isso, não temos grandes problemas em cima disso, por que uma orientação hoje muitos pais não dão essa orientação em casa né, fica pra escola mesmo, então já tá ai como tema transversal pra gente tá encaixando nas disciplinas, eu esse anos estou trabalhando com meio ambiente, mas eu acho muito interessante trabalhar por que cada vez mais, tão aparecendo meninas com 12 anos grávidas, já tive duas alunas de 12 e 13 anos grávidas em outras, não nesse ano, não nesse espaço escolar também em outro, isso é bem complicado. [...] Olha fraco, eu vejo que as famílias hoje elas não orientam tanto por que a TV tá orientando, por que a internet tá ai, eles se fecham mais. Os pais não tem um conversa aberta com os filhos, ou eles ficam sabendo através de mídias e não do próprio pai. [...]</p> <p>Eu gosto de trabalhar, como tava te dizendo eu vejo que os alunos eles não tem pra quem recorrer, e pra quem pedir essa orientação, e quando tu abre um leque e tu vê que tá ali a disposição de essas sanar dúvidas, se esbaldam. [...] Olha hoje eu vejo mais internet, acho que tá tomando conta, e eles estão extravasando em torno disso, por que a gente vê assim questões pornográficas dentro da sala de aula, hoje peguei vários alunos assistindo vídeos, assistindo .. com pornografia, e as vezes eles estão assistindo por curiosidade mesmo, não por..., eles acham engraçado, mas as vezes é mais curioso do</p>
--	--	--	---

			<p>que engraçado, pois eles não sabem eles não tem quem sente com eles em casa e explique isso, ó isso funciona assim, assim assado. [...]Olha por eu não tá atuando em ciência que também é minha área então eu to trabalhando menos em cima disso, mas no tempo que eu trabalhei ciências eu trabalha bastante até por ser ensino fundamental, e hoje a gente tá precisando bastante orienta os nossos alunos da questão da sexualidade, por que tá surgindo cada vez mais cedo, tá aflorando mais cedo, e a gente tem grandes problemas com isso, [...]. Eu acho que orienta, é dar informações ao aluno, do que ele pode fazer pra prevenindo, de como acontece, que alguns acham que sabem, mas na verdade eles não sabem, o que é o ato sexual muitas vezes eles não sabem, hoje a gente vê na TV todos os dias né coisas que acontecem fora da normalidade, eles acham que, que é até é normal pra eles, no cotidiano deles né, na vida deles, eu não sei como são as famílias em casa, mas a gente vê que algumas coisas eles acham que são normal, eles não sabem isso, eu acho que trabalho o que é o ato em si, o que é o abuso, quais são os preventivos que existem, prevenções que existem, acho que é interessante trabalhar. [...] Sim. Nos anos que trabalhei a disciplina de ciências eu trabalho a orientação sexual, que é a parte da sexualidade. (E15)</p>
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE G- Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: **Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem**

Com objetivo de atender às exigências para obtenção do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC) o representante legal da instituição:
Gerência Regional de Educação - 4ª GERED

_____ declara ter sido informado sobre o projeto de pesquisa intitulado: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem, e concorda com o envolvimento da instituição na referida pesquisa, salientando que os pesquisadores deverão cumprir os termos da Resolução de número 466, de 12 dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Local e data: Chapecó, 16 de Julho _____ de 2014.

Crhis Netto de Brum

Assinatura da pesquisadora responsável
Profa Dda Crhis Netto de Brum

Maria de Lourdes Seben

Assinatura do responsável pela instituição (de origem)

Maria de Lourdes Seben
Mat. 170.942.9-01
Gerente de Educação

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

“Prezado(a) educador(a) sou Crhis Netto de Brum, enfermeira, docente do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/SC), Campus Chapecó, coordeno e oriento o projeto de pesquisa intitulado **“Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem”**, o qual tem a finalidade de responder ao Componente Curricular: Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Graduação em Enfermagem. O projeto conta com a participação da acadêmica Joseani Bandeira, a qual encontra-se matriculada no referido componente, e realizará a pesquisa juntamente comigo. Dessa maneira, convido-os(as) para participar do estudo, a partir do explicitado a seguir: Eu _____ informo que fui esclarecido(a), de forma clara e detalhada, e livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção que aceito participar da pesquisa **“Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem”**, da pesquisadora responsável Profa Dda Crhis Netto de Brum, que tem como objetivo geral **“Identificar a percepção dos educadores sobre a temática da orientação sexual na escola. Justifica-se esta pesquisa, pela necessidade da Enfermagem trabalhar juntamente com os educadores, a fim de possibilitar, a partir de uma construção coletiva, sobre o tema da orientação sexual em sala de aula, reflexões e discussões para a realização de parcerias de trabalho no qual o educador e o enfermeiro possam utilizar seus conhecimentos de maneira a complementar o processo de ensino-aprendizagem e saúde-doença. Esta pesquisa não envolve nenhum tipo de benefício direto (financeiro) ao informante, exceto a possibilidade de articulações entre a saúde e educação para a realização do tema da orientação sexual na escola. Ressalta-se que a participação nesta pesquisa poderá resultar em riscos relativos a algum constrangimento, embaraço ou sofrimento que o educador(a) possa sentir ao recordar de fatores dolorosos/tristes, entre outros sentimentos de desconfortos relacionados as lembranças de sua atuação profissional ao realizar a entrevista. Além disso, poderá sentir cansaço e desconforto pelo tempo que poderá envolver a entrevista. Se isso ocorrer, a entrevista somente terá seguimento se o educador(a) tiver condições emocionais de continuar, caso o contrário, o gravador será desligado, a entrevista será descartada ou remarcada conforme o desejo do educador(a) envolvido. E após, será realizado o apoio necessário, por meio de uma escuta terapêutica. Caso seja necessário encaminhá-lo para algum serviço de referência, será para a Unidade de Saúde, que seja parte do Sistema Único de Saúde (SUS), mais próxima a sua residência. Será uma pesquisa qualitativa, descritiva exploratória, pois se compreende que os estudos com enfoque descritivo, possam permitir uma nova concepção do problema. Assim, tem a possibilidade de ancorar na pesquisa exploratória, as quais buscam por meio da aproximação do problema, descrever e examinar profundamente as práticas, os comportamentos, as crenças e as atitudes dos sujeitos ou de grupos. A produção dos dados se realizará em dois momentos: aproximação e ambientação com o cenário de pesquisa, para isso, a pesquisadora responsável e a acadêmica, irão à Escola apresentar a proposta da pesquisa; após os educadores serão convidados a participar de uma entrevista, individual, semiestruturada com um roteiro previamente elaborado, por meio de eixos que nortearão a condução da mesma a qual será audiogravada em um aparelho do tipo MP3. Caso o educador(a) solicite, o mesmo poderá ter acesso ao roteiro da entrevista semiestruturada previamente. Como forma de respeito à privacidade dos participantes, as**

entrevistas serão conduzidas em locais que ofereçam condições, para tanto definidos conjuntamente pelos pesquisadores e pelo participante de forma a atender as conveniências de todos. As informações provenientes das entrevistas serão analisadas em conformidade com a Análise de Conteúdo, a qual propõe três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos e periódicos científicos, para a escola, campo do estudo, bem como na apresentação da defesa do relatório e para as secretarias de Educação e Saúde do Município de Chapecó. Para garantir o sigilo e a confidencialidade dos dados os educadores serão codificados pela letra arábica “E” de educador(a), E1, E2, E3, sucessivamente.

A sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Fui igualmente informado de que tenho assegurado o direito de:

- receber resposta a todas as dúvidas e perguntas que desejar fazer acerca de assuntos referentes ao desenvolvimento desta pesquisa;
- a qualquer momento, retirar meu consentimento, e deixar de participar do estudo sem constrangimento e sem sofrer nenhum tipo de represália;
- tenho o direito e a liberdade em desistir da minha participação no estudo e isso não implicará em prejuízo algum para mim.
- não ter minha identidade revelada em momento algum da pesquisa.
- A pesquisadora desta investigação se compromete a seguir o que consta na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e suas complementares que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentares da pesquisa envolvendo a participação de seres humanos, e comprometem-se a publicar os resultados sejam eles positivos ou negativos.
- Minha participação é isenta de despesas e minha assinatura representa o aceite em participar voluntariamente do estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, concordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, o qual será rubricada em todas as suas páginas, ficando com a posse de uma delas e a outra com a pesquisadora responsável.

Dúvidas: Caso você tenha dúvidas sobre a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável: Profa Dda Crhis Netto de Brum, email: crhis.brum@uffrs.edu.br ou Endereço Institucional: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Av. Presidente Getúlio Vargas 609 N. Ed. Engemede. 2º andar. Centro. Chapecó SC. CEP: 89.812-000. Fone: (49) 2049-1573, ou também, pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, pelo e-mail: cep.uffrs@uffrs.edu.br, endereço: Rua General Osório, 413D, Jardim Itália, Edifício Mantelli, 3º andar. Chapecó (SC). CEP: 89802-210, telefone (49) 2049-1478.

Chapecó, ____ de _____ de 2014”.

Nome completo do(a) educador(a): _____

Assinatura _____

Nome completo da pesquisadora responsável: Crhis Netto de Brum

Assinatura _____

APÊNDICE I - Termo de Consentimento para Fotografia, Filmagem e Gravação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

Eu, _____
permito que a pesquisadora responsável obtenha a audiogravação de minhas informações em um aparelho do tipo MP3 para fins de pesquisa científica/educacional.

Concordo que as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicadas em aulas, congressos, eventos e/ou periódicos científicos e palestras. Porém minha identidade será preservada, tanto quanto possível, a partir de um código, que para este estudo, será utilizada a letra arábica “E” de educador(a).

A gravação ficará sob a propriedade da pesquisadora responsável em uma sala da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC) destinada ao Curso de Graduação em Enfermagem, por um período de cinco anos, após o tempo pré-estabelecido, será destruído (incinerado).

Assinatura do(a) educador(a): _____

Chapecó/SC, _____ de _____ de 2014.

APÊNDICE J - Termo de Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL/CAMPUS CHAPECÓ

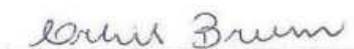
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCENTE: Joseani Bandeira

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa Dda Crhis Netto de Brum

PESQUISA: Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem

A pesquisadora do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos educadores(a) cujos dados serão produzidos por entrevistas semiestruturadas realizadas na Escola de Educação Básica Antônio Morandini do Município de Chapecó. Concordam igualmente, que estas informações serão utilizadas para execução do presente projeto, sendo ainda construído um banco de dados para essa e outras pesquisas. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas pela professora orientadora e responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, Crhis Netto de Brum, em uma sala da UFFS/Campus Chapecó destinada ao Curso de Enfermagem, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. O sigilo dos(as) educadores(as) será mantido por meio de um código, previamente estabelecido, a letra arábica “E” de educador, E1, E2, E3, sucessivamente. Este projeto de pesquisa será revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS em 20/08/2014, com o número do CAEE 33711414.9.0000.5564. Data: 16 de agosto de 2014.



Profa Dda Crhis Netto de Brum
Pesquisadora responsável pela pesquisa

APÊNDICE L – Eixos da pesquisa

Quadro 5 - Eixos da entrevista sobre a percepção do educador na escola.

Código de entrevista	Conhece os PCNS	Conhece os temas	Trabalha	Trabalharia a orientação sexual	Como realizaria/ realiza/ realizou?
E1	Sim.	Sim. Alimentação, saúde, corpo.	Sim.	Sim.	Com uma conversa, ir investigar o que eles tem mais dúvidas através de um diagnostico, planejar a aula trazendo informações precisas, fazer a caixinha de dúvidas, conversar com a professora de biologia para ajudar, trazendo palestras.
E2	Sim.	Sim. Matemática financeira, meio ambiente, energia.	Não.	Sim.	Teria que analisar e estudar essa questão, ter mais palestras, explicar o que acontece de uma relação sexual precoce e trazer profissionais da área da saúde para abordar esse tema.
E3	Sim.	Não.	Não.	Não.	Orientar para que os jovens não se envolvam tão cedo, trazer pessoas habilitadas em instruir os professores.
E4	Sim.	Sim. Meio ambiente, educação sexual.	Sim.	Sim.	Explicar os temas verbalmente ou com vídeos, documentários, com caixinha de questões e trazer pessoas para dar palestras como da enfermagem.
E5	Sim.	Sim. Sexualidade	Não.	Sim.	Questão de trazer informação, conteúdos, com orientação, ter uma disciplina regular que trabalhe esse tema, ter capacitação em psicologia para saber como abordar esse tema em sala de aula.
E6	Sim.	Sim. Sexualidade.	Sim.	Sim.	Alguém para orientar/capacitar o professor e estar mais presente na escola como uma psicóloga, usar vídeos, caixinha de dúvidas, fazer dinâmicas, ter uma disciplina especifica com professor específico.
E7	Sim.	Sim. Não sabia.	Não.	Sim.	Com teatro, alguém para falar sobre esse assunto

					aos alunos, ter uma disciplina específica e fazer encontros com os pais para também orientar os pais.
E8	Sim.	Sim. Valores, orientação sexual.	Sim.	Sim.	Com textos, jornais, reportagens, ter palestras com pessoas habilitadas como da saúde.
E9	Sim.	Sim. Valores, meio ambiente.	Sim.	Sim.	Planejar a aula e pesquisar sobre o assunto e sobre as dúvidas dos alunos, usar recursos tecnológicos, filmes, dinâmicas, caixinha de dúvidas, trazer alguém da área da saúde para falar sobre o tema,
E10	Sim.	Sim. Gênero, cultura, diversidade.	Sim.	Sim.	Pesquisa, atividades dinâmicas, e ter no plano de ensino temas para poder abordar esse tema.
E11	Sim.	Sim. Arte.	Sim.	Sim.	Pesquisa sobre o tema, buscar respaldo teórico para abordar esse tema com os alunos.
E12	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Conversa sobre diferenças e respeito, trazer psicólogos para ajudar.
E13	Sim.	Sim. Relações sociais, coletividade, solidariedade.	Não.	Sim.	Trazer textos pequenos e depois discuti-los, conversa, discutir, estudar sobre o assunto, trazer pessoas de áreas específicas para trabalhar com os alunos essa temática.
E14	Sim.	Sim. Questão ambiental, indígena, sexualidade, transito.	Sim.	Sim.	Esclarecer as dúvidas, trazer filmes, discutir o tema, materiais.
E15	Sim.	Sim. Meio ambiente, transito,	Sim.	Sim.	Trabalhava em paralelo com a disciplina, trazia panfletos da secretária da saúde e preparava uma aula específica sobre esse os temas.

Fonte: Bandeira, J. Orientação sexual na escola na percepção dos educadores: contribuição da enfermagem. Chapecó. SC. Brasil, 2014.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES:
CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM

Pesquisador: Crhis Netto de Brum

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33711414.9.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 753.432

Data da Relatoria: 20/08/2014

Apresentação do Projeto:

Adequado

Objetivo da Pesquisa:

Adequado

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequado

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A Pesquisadora atendeu as solicitações indicadas pelo CEP tornando seu projeto apto a ser realizado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida General Osório, 413d - Ed. Mantelli da UFFS

Bairro: CENTRO

CEP: 89.802-265

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-1478

E-mail: joseane@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 753.432

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução 466 de 12/12/2012 principalmente, os artigos XI.1 e XI.2 itens c) ao h) , a Normativa 001/2013 e o Capítulo III da Resolução 251/1997.

A página do CEP-UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador” acessível no Link http://www.uffs.edu.br/images/proppg/Deveres_do_pesquisador_CEP.pdf

Atente:

- 1) No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, obedecidos os 20 dias antes da reunião do CEP do mês correspondente aos 6 meses, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra (exceto se a pesquisa estiver totalmente finalizada, pois, neste caso, deverá ser enviado o relatório final). Veja modelo na página do CEP, no item “6) Documentos a serem anexados à Plataforma Brasil” no subitem “ 6.1) Obrigatórios “. A cada 6 meses novo relatório parcial deverá ser enviado até que seja enviado o relatório final.
- 2) Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP para que possa ser avaliada e as medidas adequadas possam ser tomadas. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto. Após um projeto ter sido aprovado, alterações devem ser solicitadas na forma de EMENDA.
- 3) Além do relatório semestral, a qualquer momento o CEP poderá solicitar esclarecimentos sobre a sua pesquisa – vide artigos X.1.3.b), X.3.6 e XI.2.e)
- 4) Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final.

OBS: Os relatórios deverão ser enviados utilizando-se da opção "enviar notificação", na "Plataforma Brasil".
Em caso de dúvida: (1) contate este CEP pelo telefone 20491478, das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00
(2) contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitar ao

Endereço: Avenida General Osório, 413d - Ed. Mantelli da UFFS

Bairro: CENTRO

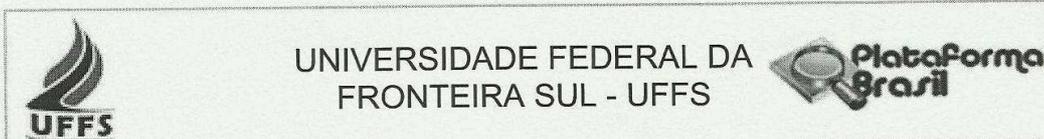
CEP: 89.802-265

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-1478

E-mail: joseane@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 753.432

atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta, (3) Contate a "central de suporte da plataforma Brasil no canto superior direito da plataforma e cujo atendimento é online.

Boa pesquisa!

CHAPECO, 16 de Agosto de 2014

Assinado por:
JOSEANE DE MENEZES STERNADT
(Coordenador)

Endereço: Avenida General Osório, 413d - Ed. Mantelli da UFFS
Bairro: CENTRO **CEP:** 89.802-265
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-1478 **E-mail:** joseane@uffs.edu.br